

RESUMO

Concepção dos Educadores de Infância sobre a importância da aquisição da Consciência Fonológica em crianças em idade pré-escolar

A consciência fonológica é a capacidade que o indivíduo tem para reflectir sobre os sons da fala.

O objectivo central do estudo é compreender as concepções que os educadores de infância têm sobre a importância da consciência fonológica em crianças em idade pré-escolar.

A amostra foi constituída por 15 educadoras de infância que trabalham em salas de jardim de infância heterogéneas nos Agrupamentos de Escolas de Ponte de Sor e de Avis.

A recolha de dados foi efectuada num só momento, durante os meses de Junho e Julho de 2011, através de uma entrevista semi-estruturada às educadoras de infância.

Para a análise dos resultados recorreu-se à metodologia qualitativa - técnica de análise de conteúdo das entrevistas semi-estruturadas.

Os resultados demonstraram que os educadores de infância têm pouco presente o conceito de consciência fonológica, no entanto, sabem que a consciência fonológica é importante para a aprendizagem da leitura e escrita.

Palavras-chave: consciência fonológica, linguagem, aprendizagem da leitura, aprendizagem da escrita, jardim de infância, concepções, actividades.

ABSTRACT

Kindergarten teachers conception about the importance of the acquisition of phonological awareness in children of preschool age

Phonological awareness is the ability that the individual has to reflect on the sounds of speech.

The main objective of the study is to understand the conceptions that kindergarten teachers have about the importance of phonological awareness in preschool children.

The sample consisted in 15 kindergarten teachers that work in kindergarten classrooms with heterogeneous groups, located in Ponte de Sor and Avis.

Data collection was performed at one time, during the months of June and July of 2011, through semi-structured interviews with kindergarten teachers.

To analyze the results we used the qualitative method - a technique of content analysis of semi-structured interviews.

Results showed that kindergarten teachers have little present the concept of phonological awareness, however, they know that phonological awareness is important in the acquisition process of read and write.

Key-words: phonological awareness, language, learning reading, writing learning, kindergarten, concepts, activities.

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, um agradecimento à Professora Maria Elisa Chaleta, pela orientação e por me ter motivado durante a elaboração da dissertação, uma vez que ao longo deste tempo fui desmotivando e tentada a desistir.

Aos meus pais que sempre me transmitiram confiança, motivação e apoio perante a elaboração da dissertação.

Ao Mário por todo o apoio que me deu, pelo tempo que passou ao meu lado, pronto para me ajudar e, pela compreensão demonstrada, em fases menos fáceis.

Aos meus amigos que estiveram sempre ao meu lado, sempre disponíveis para ajudar no que fosse necessário.

Ao CRIPS (Centro de Recuperação Infantil de Ponte de Sor), instituição para a qual trabalho, ao Presidente da Direcção Sr.º Castanheira, que foi sempre compreensível aquando das minhas faltas para realizar as entrevistas do estudo e para reunir com a orientadora desta investigação. Para além da instituição, os e as colegas de trabalho também todos e todas foram muito importantes neste percurso.

Por último, um agradecimento às Educadoras de Infância dos Agrupamentos de Escolas de Avis e Ponte de Sor que se disponibilizaram para me ajudar na elaboração deste projecto.

ÍNDICE

Resumo.....	li
Abstract.....	lii
Agradecimentos.....	Iv
Introdução.....	1
Capítulo I – Enquadramento Teórico.....	3
1. Linguagem.....	4
1.1. Aspectos gerais da linguagem.....	4
2. Consciência fonológica.....	7
2.1. O Conceito.....	7
2.2. Desenvolvimento da consciência fonológica.....	9
2.3. A relação entre consciência fonológica e aprendizagem da leitura e escrita.....	11
3. A concepção dos Educadores de Infância sobre a consciência fonológica.....	18
3.1. As orientações curriculares e a abordagem à leitura e escrita em educação pré-escolar.....	20
3.2. Actividades para o desenvolvimento de consciência fonológica.....	22
Capítulo II – Estudo Empírico.....	24
1. Objectivo.....	26
2. Amostra.....	27
3. Instrumentos e Procedimentos.....	28

Capítulo III – Análise e Discussão dos Resultados.....	41
Capítulo IV – Conclusões.....	46
Capítulo V – Bibliografia.....	49
Anexos.....	55
Anexo I.....	vii

I. INTRODUÇÃO

A linguagem é uma faculdade de expressão e comunicação que faz uso de um sistema de signos convencionados, podendo ser não-verbal (ex.: gestual, visual, sonora e simbólica) e verbal (ex.: escrita ou oral).

No desenvolvimento da linguagem surgem os diferentes domínios linguísticos: domínio pragmático, fonológico, semântico, morfossintático e por último a metalinguagem. O domínio pragmático está relacionado com o domínio das regras do uso da língua, por sua vez o domínio fonológico está relacionado com a estrutura dos sons da língua, o domínio semântico está relacionado com o domínio das regras de realização semântica, o domínio morfossintático refere-se às regras morfológicas e sintáticas, e por último a metalinguagem que está relacionada com o domínio das propriedades e operações da língua.

A consciência fonológica por sua vez é a capacidade que o individuo tem para reflectir sobre os sons da fala.

O presente estudo surge pelo gosto na consciência fonológica, como terapeuta da fala, e a trabalhar com as crianças, educadores de infância nos respectivos jardins de infância, surge a necessidade de perceber a importância que os educadores de infância dão ao desenvolvimento da consciência fonológica, uma vez que é uma área muito recente a trabalhar no contexto de jardim de infância, tendo surgido com as orientações curriculares e agora, mais recentemente, com as metas de aprendizagem (M.E., 2011).

Assim, face ao exposto anteriormente, o estudo decorreu em várias fases. Numa primeira fase procedeu-se à exposição e análise de referências bibliográficas sobre linguagem e consciência fonológica, bem como sobre as concepções dos educadores de infância face à importância da mesma para crianças em jardim de infância. Numa segunda fase delinearam-se os objectivos do estudo, nomeadamente, identificar as concepções dos educadores de infância sobre o conceito de consciência fonologia, identificar a importância e os benefícios do desenvolvimento da consciência fonológica no jardim de infância e identificar as actividades que os educadores de infância promovem para o desenvolvimento da consciência fonológica no jardim de infância. Após esta segunda fase realizou-se um estudo piloto para se poder testar o guião de entrevista e se elaborar o definitivo, onde foram entrevistadas três educadoras de infância, posteriormente foram analisadas as entrevistas segundo a análise de conteúdo, tendo-se testado o guião de entrevista semi-estruturado e

elaborado o definitivo que foi passado à amostra do estudo. Seguidamente foram transcritas as entrevistas e analisadas segundo a análise de conteúdo, onde foram encontrados quatro temas e respectivas categorias. Por último, procedeu-se à discussão dos resultados e respectivas conclusões.

Posto isto, o estudo divide-se em cinco capítulos, nomeadamente, no capítulo um abordaremos os temas da linguagem, da consciência fonológica e das concepções dos educadores de infância sobre a consciência fonológica, no capítulo dois apresentam-se os objectivos e os resultados do estudo, no capítulo três a análise e a discussão dos resultados, no capítulo quatro apresentam-se as conclusões e por último as referências bibliográficas.

CAPITULO I – ENQUADRAMENTO TEÓRICO

1. Linguagem

1.1. Aspectos gerais da linguagem

A linguagem é “*um sistema complexo e dinâmico de símbolos convencionados, usado em modalidades diversas para o homem comunicar e pensar*” (A.S.H.A., 1983). Isto é, o sistema complexo entende-se como a arquitectura composta por um número finito de unidades discretas (ex.: sílabas, palavras, sons) e por regras e princípios que governam a combinação e ordenação dessas unidades, permitindo a criação de estruturas mais alargadas e distintas das unidades que as integram. Os símbolos são convencionados porque são representações do real, partilhadas por um determinado grupo social num determinado contexto.

A linguagem é adquirida segundo três processos: aquisição, aprendizagem e desenvolvimento. O processo de aquisição corresponde à apropriação subconsciente de um sistema linguístico através da exposição ao mesmo. O segundo processo, aprendizagem, corresponde ao processo de consciencialização do conhecimento a aprender. Por último, o processo de desenvolvimento corresponde ao conjunto de alterações que ocorrem no conhecimento da língua durante o período de aquisição da linguagem.

A aquisição da linguagem implica a apreensão das regras específicas do sistema linguístico, no que diz respeito à forma, ao conteúdo e ao uso da língua. No que se refere à forma, as regras adquiridas dizem respeito aos sons e respectivas combinações (fonologia), à formação e estrutura interna das palavras (morfologia) e à organização das palavras na frase (sintaxe). As regras referentes ao conteúdo (semântica) servem o significado das palavras e a interpretação das combinações de palavras. Por fim, as regras de uso (pragmática) visam a adequação ao contexto de comunicação (Sim-Sim, 1998).

Existem modelos psicolinguísticos do desenvolvimento da linguagem, que nos ajudam a compreender as etapas da aquisição da linguagem nos diferentes componentes, fonológico, lexical, morfossintáctico, pragmático e metalinguístico.

O modelo linguístico, segundo Chomsky (1957, 1965, 1972, cit Chevie-Muller, 2005) o desenvolvimento da linguagem pode ser comparado ao comportamento condicionado do rato, uma vez que implica processos diferentes dos de imitação e reforço. A criança só pode executar algumas operações se compreender bem a estrutura interna da frase. Os psicolinguistas seguidores de Chomsky admitem que a

criança tem predisposição para o desenvolvimento de competências relacionadas com a descoberta e análise da língua. Outra das características da linguagem é a criatividade, pois esta deve ser concebida não por imposição à criança ou por impregnação da sua língua, mas como criação, onde a criança experiencia as suas próprias regras linguísticas para a formação de palavras e enunciados. As crianças desenvolvem a linguagem entre os 18 e os 30 meses, a regularidade e a explosão da linguagem reforçam a predisposição biológica para a aquisição da linguagem (Lenneberg, 1967 cit Chevie-Muller, 2005).

Por outro lado o modelo cognitivo, para o conhecimento dos mecanismos da aquisição da linguagem requer o exame detalhado do desenvolvimento de estratégias, ou seja, a análise da forma como a criança se adapta à língua. Exigindo assim a definição dos princípios operacionais que a criança adopta para relacionar o sentido e a forma dos enunciados num determinado contexto social, familiar ou cultural.

Segundo este modelo a estratégia é fundamental, pois trata-se de compreender como a criança consegue controlar as funções linguísticas (prosódia, fonologia, semântica, morfossintaxe e pragmática), onde estas em contextos comunicativos entram em relações complexas, sendo as línguas caracterizadas pela sobreposição de formas e funções. Numa abordagem psicológica, existe a necessidade de caracterizar as representações cognitivas relacionadas com a linguagem, sendo que a psicologia cognitiva tenciona perceber em que medida é possível abordar o estudo da linguagem independentemente do estudo das outras áreas cognitivas. A abordagem linguística está relacionada com o funcionamento dos falantes em actividades de percepção, produção, compreensão, memória, metalinguagem e em contextos definidos.

O modelo interacionista, centra-se numa questão central da aquisição da linguagem, em que os mecanismos que a regem podem ser considerados modulares ou integrados. A psicolinguística divide-se entre duas orientações distintas, uma relacionada com estudos onde a relação com a linguagem tem de ser demonstrada, a outra centra-se no funcionamento da linguagem, abordando-a com as operações cognitivas e de comunicação.

Muito antes da criança começar a falar já está habilitada a usar a visão, a expressão facial e o gesto para comunicar com os adultos e crianças. A criança muito precocemente apresenta competências para discriminar os sons da fala. A aprendizagem do código linguístico baseia-se na interacção com o meio, isto é, da interacção entre as capacidades biológicas inatas e a estimulação ambiental,

evoluindo de acordo com a progressão do desenvolvimento neuropsicomotor (Schirmer, Fontoura, Nunes, 2004).

No desenvolvimento da linguagem podemos ter duas fases distintas: a pré-linguística e a linguística. A fase pré-linguística corresponde à fase em que a criança vocaliza apenas fonemas e que persiste até aos 11-12 meses. A fase linguística corresponde à fase em que a criança começa a produzir palavras isoladas e à sua compreensão. Seguidamente a criança vai progredindo ao nível da expressão, sendo este processo contínuo, ocorrendo de forma ordenada e sequencial, onde se sobrepõem diferentes etapas do desenvolvimento (Schirmer, Fontoura, Nunes, 2004).

O processo de desenvolvimento da linguagem circunda o desenvolvimento de quatro áreas interdependentes: a pragmática, a fonologia, a semântica e a morfossintaxe.

A aquisição da linguagem refere-se ao “processo apropriado subconsciente de um sistema linguístico, via exposição sem que para tal seja necessário um mecanismo formal de ensino” (Sim-Sim, 1998).

2. Consciência Fonológica

2.1. O Conceito

A consciência fonológica pode ser definida como a habilidade do ser humano para reflectir conscientemente sobre os sons da fala. Reporta-se à representação consciente das unidades constituintes da fala e das propriedades fonológicas. É a consciência dos sons que constituem as palavras que ouvimos e falamos (Cardoso-Martins, 1991 *cit* Lamprecht, *et al*, 2004).

Gombert (1990, *cit*. Martins, 2000) diferencia consciência fonológica e comportamentos epifonológicos. Para este autor, a consciência fonológica é a capacidade de identificar as competências fonológicas das unidades linguísticas e de as manipular de forma consciente e deliberadamente. Por outro lado, os comportamentos epifonológicos estão relacionados com os comportamentos inconscientes e involuntários, detectados desde cedo nas crianças, que revelam a discriminação precoce dos sons. Isto, alerta-nos para o facto das capacidades epifonológicas serem, erradamente, incluídas no conceito de consciência fonológica.

Por outro lado, Gough, Larson e Yopp (1996, *cit*. Lamprecht *et al*, 2004) afirmam que a consciência fonológica é uma constelação de capacidades heterogéneas cujos elementos têm propriedades distintas que se expandem em tempos distintos.

Segundo Signorini (1998, *cit* Lamprecht *et al*, 2004) a consciência fonológica faz parte dos conhecimentos metalinguísticos, isto é, do conhecimento que um sujeito tem sobre os seus próprios métodos e competências cognitivas, estes conhecimentos pertencem à metacognição.

Sim Sim (1998) determina a diferença entre a habilidade e a actividade de falar. A consciência fonológica diz respeito ao conhecimento que permite a análise de forma consciente das unidades de som de uma determinada língua, bem como as regras de sequência e distribuição do sistema de sons dessa mesma língua. Por outro lado, a actividade de falar e de ouvir falar remete-nos para a capacidade de, involuntariamente, conceder atenção ao significado do enunciado. A consciência fonológica, como referenciado anteriormente, implica a capacidade de, deliberadamente, nos concentrarmos nos sons da fala.

De acordo com Moojen et al (2003, *cit*. por Lamprecht *et al*, 2004 p.180), “a consciência fonológica envolve o reconhecimento pelo indivíduo de que as palavras

são formadas por diferentes sons que podem ser manipulados, abrangendo não só a capacidade de reflexão (constatar e comparar), mas também a de operação com fonemas, sílabas, rimas e aliteraões (contar, segmentar, unir, adicionar, suprimir, substituir e transpor)."

A consciência fonológica deve ser vista como uma aptidão cognitiva que envolve distintos níveis linguísticos (sílabas, unidades intra-silábicas, fonemas) e pode ser testado através de diversas tarefas (Lamprecht *et al*, 2004).

Silva, Martins & Almeida (2001) distinguem a "consciência fonológica" e a "consciência fonémica", sendo que o primeiro se refere às diferentes modalidades de análise das palavras nos seus segmentos orais. Por outro lado, a consciência fonémica é a capacidade que um indivíduo tem para encontrar na palavra uma sequência de fonemas, a qual necessita de uma instrução formal em leitura, de acordo com um sistema alfabético, remetendo-nos para o conhecimento das unidades de fala. Assim, pode-se constatar que, o conceito de consciência fonológica é mais abrangente, uma vez que abrange a consciência dos fonemas, das sílabas e das rimas.

A compreensão, por parte da criança, de que as palavras são constituídas por sons fornece à mesma a capacidade de reconhecer rimas e de identificar, reconstruir, segmentar e manipular os sons das palavras faladas. Assim, as actividades de consciência fonológica ajudam a criança a aprender a distinguir os sons individuais nas palavras. A consciência fonológica apetrecha a criança com um conhecimento suficiente da estrutura sonora para usar no momento em que a criança contacta com as letras e ajuda-a a compreender as relações entre letras e sons.

A consciência fonológica é uma habilidade metalinguística, isto é, é a consciência de que a fala pode ser segmentada e que os segmentos (palavras, sílabas, fonemas) podem ser manipulados. Esta habilidade é desenvolvida gradualmente conforme a criança vivencia situações lúdicas (cantigas, jogos de rima, identificação de sons iniciais de palavra) e é instruída formalmente em actividades grafo-fonémicas.

Uma criança pode manifestar dois níveis de consciência fonológica, durante o seu desenvolvimento, o implícito e o explícito (Duncan, Seymour & Hill, 1997 cit Resende, 2009). O nível implícito, demonstrado em crianças mais novas e não alfabetizadas, é caracterizado pela sensibilidade natural e espontânea do indivíduo aos sons da fala. Por outro lado, o nível de consciência fonológica explícito está

relacionado com a análise consciente das unidades de sons, característico de crianças que já estão expostas à aprendizagem da leitura e da escrita.

2.2. Desenvolvimento da consciência fonológica

O desenvolvimento da consciência fonológica tem vindo a ser explicado por diversas teorias, no entanto, não existe consenso de como se processa o desenvolvimento destas capacidades, nem qual é a estrutura fonológica essencial para a aprendizagem da leitura e escrita. De acordo com Seymour e Evans (1994, cit. Martins, 2010) existem duas teorias sobre o desenvolvimento da consciência fonológica: a teoria progressiva e a teoria disjuntiva. As teorias disjuntivas referem que existe uma transição repentina da consciência das sílabas para a consciência dos fonemas, que ocorre no início da aprendizagem da leitura e escrita. Desta forma, as representações explícitas não se adquirem apenas pela via da maturação, mas surgiriam após a aprendizagem da leitura e escrita.

Os investigadores que se dedicam à consciência fonológica, actualmente, reconhecem a existência de diferentes níveis de desenvolvimento da consciência fonológica. Actualmente, considera-se a existência de três níveis: o das sílabas, o das unidades intra-silábicas (ataque e rima) e o fonémico (Lamprecht *et al*, 2004; Herrera & Defior, 2005; Sim-Sim, 2006).

O nível das sílabas refere-se a uma análise muito simples, das unidades silábicas que compõem as palavras, através da divisão das palavras em sílabas. As crianças desde muito cedo manifestam aptidão para dividir uma palavra em sílabas oralmente, indicando um nível de consciência fonológica (Lamprecht *et al*, 2004).

Pode-se ainda realizar a análise das palavras através da identificação dos componentes das sílabas – as unidades intra-silábicas. Estas unidades são maiores que um fonema individual, mas menores que uma sílaba. É uma habilidade para manipular grupos de sons que integram as sílabas. O ataque e a rima são as maiores subunidades. O ataque refere-se ao elemento silábico que domina uma ou duas consoantes à esquerda da vogal, este pode ser constituído por uma consoante (ataque simples), por um *cluster* de consoantes no início da sílaba (ataque ramificado) ou encontrar-se vazio (ataque vazio). Por outro lado a rima é o componente silábico que é formado pelo núcleo e, opcionalmente, pela coda. Na Língua Portuguesa observa-se que as consoantes podem aparecer em ataque simples, mas nem todas podem aparecer em ataque ramificado. A rima, por sua vez, deve compreender um

núcleo composto por uma ou mais vogais, que domina o constituinte que define a identidade da sílaba. Além do núcleo, a rima pode ainda conter uma ou várias consoantes à sua direita – a coda (Freitas & Santos, 2001; Martins, 2000).

Por último, outra forma de analisar as palavras é a que remete para a detecção de segmentos de menor dimensão – os fonemas. Esta forma de análise, compreende a capacidade de dividir as palavras em fonemas, isto é, nas menores unidades de som que podem mudar o significado de uma determinada palavra. Assim, é necessário reconhecer que uma palavra é um conjunto de fonemas. Como a consciência intra-silábica, a consciência fonémica progride de forma mais lenta que a silábica, dado que se trata de unidades sonoras muito pequenas, pois não têm uma base física elementar nem podem ser analisadas em unidades sucessivas e mais pequenas (Silva, 2003). Os fonemas são as unidades mínimas de cada língua, constituem uma unidade abstracta, uma vez que, a sua compreensão pode variar em função do contexto em que está inserido. Isto é, um fonema apresenta diferentes características sonoras, de acordo com outros fonemas a que aparece associado.

De acordo com Anthony e Francis (2005, cit Resende, 2009) apesar da consciência fonológica se desenvolver de uma forma universal para todas as línguas, isto é, de unidades mais simples para as mais complexas, poderá considerar-se diferenças relacionadas com a língua. Existem alguns aspectos relacionados com a complexidade linguística da linguagem falada que parecem influenciar o desenvolvimento da consciência fonológica, como por exemplo, a complexidade da estrutura das palavras, a posição dos fonemas e os factores articulatorios. Assim, as crianças expostas a ambientes linguísticos onde as sílabas faladas são mais salientes ou bem limitadas, desenvolvem a consciência silábica mais cedo do que crianças expostas a ambientes linguísticos onde estas são menos salientes.

Tendo por base um estudo realizado por Mann e Wimmer (2002 cit Martins, 2010) com o objectivo de comparar o desenvolvimento da consciência fonológica em crianças no pré-escolar nos EUA e na Alemanha constatou-se que, entre crianças da mesma idade, as crianças americanas obtiveram resultados superiores nas tarefas que envolviam a consciência fonémica em comparação com as alemãs. Os dados confirmaram a importância da instrução alfabética para aceder às representações mais abstractas da linguagem, pois as crianças americanas são instruídas acerca das correspondências fonema-grafema antes de ingressarem no ensino primário, enquanto as crianças alemãs só são ensinadas no primeiro ano de escolaridade, indicando que a instrução alfabética parece ter sido determinante para os resultados alcançados.

Um outro estudo, realizado com crianças francesas (Vanasse et al., 2005, cit Martins, 2010), onde se avaliou as capacidades metafonológicas em sete grupos que corresponderiam a sete anos de escolaridade, desde o último ano de jardim de infância até ao 6º ano de escolaridade. Os resultados do estudo demonstraram que em tarefas que envolviam unidades linguísticas maiores (rimas e sílabas) eram fáceis para todas as crianças, incluindo para as do jardim de infância. Por outro lado, resultaram diferenças significativas entre os anos relativamente às tarefas que envolviam consciência fonémica, nomeadamente, um aumento brusco na capacidade para manipular intencionalmente os fonemas, que coincide com o início da instrução formal da leitura e da escrita.

2.3. A relação entre consciência fonológica e aprendizagem da leitura e escrita

Nos últimos anos, até mesmo décadas, têm emergido muitas investigações com o intento de estabelecer qual é a relação existente entre a consciência fonológica e a aprendizagem da leitura e escrita.

Existem vários autores que defendem que a consciência fonológica influencia positivamente a aquisição da escrita. Segundo Costa (2002, *cit.* Lamprecht *et al*, 2004) o estudo sobre a relação entre a consciência fonológica e a escrita, demonstra que os indivíduos com elevados níveis de consciência fonológica são os que apresentam melhor desempenho na escrita.

Existem estudos que demonstram que quando a capacidade fonológica existe precocemente, antes do ensino formal, será um bom indicador da aprendizagem de leitura, isto é, a capacidade de análise fonológica facilita a aprendizagem da leitura (Viana, 2002).

A consciência fonológica influencia a aprendizagem da leitura, tal como referem estudos longitudinais, transculturais e estudos sobre o treino metafonológico. No que se refere aos estudos longitudinais, estes seguiram durante alguns anos grupos de crianças, desde o pré-escolar, tendo-se comprovado que os resultados em actividades de análise fonológica estabelecem um bom prognóstico para a leitura.

De acordo com os estudos realizados por Stanovich *et al.* (1984), Mann (1984) e Calfee (1977) (*cit.* Martins, 2000), pode constatar-se que das inúmeras baterias de avaliação de consciência fonémica, se concluiu que esta tem um impacto positivo na

aquisição da leitura. Assim, de acordo com os estudos, concluiu-se que a consciência fonémica é um bom preditor da aprendizagem da leitura.

Por outro lado, a associação entre outras capacidades metafonológicas ou epifonológicas e os resultados em leitura, levam a discordâncias entre os vários investigadores.

Relativamente aos estudos transculturais, estes estudam os desempenhos em actividades fonológicas de crianças que aprenderam a ler, através de uma escrita não alfabética, ou que estão incluídas numa sociedade onde a escrita alfabética não existe. Através destes estudos foi possível constatar que a consciência fonémica seria o resultado da aprendizagem de um sistema alfabético de escrita, apontando para a possibilidade de um desenvolvimento independente desta aprendizagem (Martins, 2000).

Segundo Mann (1986), após a aplicação de provas de contagem de sílabas e de fonemas e, de provas de supressão de sílabas e de fonemas a crianças japonesas com algumas características em particular, nomeadamente, idades compreendidas entre os 9 e ao 10 anos de idade e que nunca tinham iniciado a escrita alfabética, concluiu que apesar de nunca terem iniciado a escrita alfabética, o seu sucesso era imenso, pelo que parece apontar que a aprendizagem da leitura não é a única via para promover a consciência fonémica.

Por último, os estudos efectuados sobre o treino metafonológico, mostram que o treino fonológico, antecedente ao ensino formal da leitura, beneficia e/ou facilita a aprendizagem da leitura.

Pode dizer-se que os estudos efectuados por diversos investigadores, como Bradley et al. (1985 *cit.* Martins, 2000) e Lundberg et al. (1988, *cit.* Martins, 2000), sobre o treino fonológico, concluíram que existiam correlações significativas entre os diferentes grupos de crianças. Quanto a Bradley et al. (1985 *cit.* Martins, 2000) verificou que existiam correlações significativas entre os resultados do grupo de crianças de pré-escolar e de crianças que frequentavam o 1º ciclo, durante os primeiros três anos, para provas de classificação de palavras com fonemas comuns e os resultados dos três anos mais tarde em dois testes de nível de leitura. No que se refere ao estudo efectuado por Lundberg et al. (1988, *cit.* Martins, 2000), estes verificaram a existência de dois factores, nomeadamente, a consciência fonémica, e a consciência silábica e a consciência de palavra, verificando-se correlações entre os dois factores, apontando para a existência de um factor geral de consciência fonológica.

Numa outra perspectiva, existem alguns estudos que tencionam demonstrar que a leitura é um factor necessário para o desenvolvimento da consciência fonológica (Harten & Carvalho, 1995). Esta perspectiva, denota que a capacidade para manipular as unidades fonéticas (sílabas e fonemas) prevê um treino que induza os indivíduos a centrarem-se nas unidades segmentais. Assim, o treino coincide com a aprendizagem da leitura e da escrita num sistema alfabético, tornando-se na principal circunstância para o desenvolvimento da consciência fonológica (Silva, 1997).

Segundo Silva (2003), a hipótese anteriormente referida é confirmada em estudos realizados com adultos analfabetos e sujeitos letrados em sistemas de escrita alfabéticos e não alfabéticos, de estudos longitudinais e de estudos comparativos entre bons e maus leitores.

Neste sentido, Morais, Cary, Alegria e Bertelson (1979), realizaram um estudo para comparar o desempenho de adultos alfabetizados e não alfabetizados em tarefas de adição e subtração de fonemas. Através deste estudo, constatou-se que os indivíduos não alfabetizados apresentaram maiores dificuldades na realização das provas do que os adultos alfabetizados, concluindo-se que as experiências com a leitura são determinantes no desenvolvimento da consciência fonológica.

Mann (1986), avaliou a influência de diferentes sistemas de escrita na promoção da consciência fonológica através de um trabalho com crianças japonesas com hábitos de leitura num sistema de escrita ideográfico e num de escrita silábico (o *kana*), e americanas, que adquiriram mecanismos de leitura num sistema alfabético (Silva, 2003; Harten & Carvalho, 1995). Nos dois utilizaram-se testes que com tarefas de adição e subtração de sons. Dos resultados obtidos, aferiu-se que as crianças americanas possuíam consciência dos fonemas e das sílabas, ao contrário das crianças japonesas que apenas detinham consciência das sílabas (Morais, 1997).

Mann (1986), num outro estudo, colocou as crianças japonesas em contacto com transcrições alfabéticas, deste estudo concluiu-se que passado algum tempo, estas crianças tornaram-se também conscientes dos fonemas. Através destas investigações, concluiu-se que a capacidade de compreender os fonemas e as sílabas é consequência da prática que as crianças detêm com a leitura e com a escrita.

De acordo com Read, Zhang, Nie e Ding (1986), através de estudos transculturais, compararam as capacidades de dois grupos de indivíduos chineses adultos, relativamente à realização de tarefas similares às do estudo anteriormente referido. Um grupo somente conhecia a escrita tradicional ideográfica chinesa, por outro lado, o outro grupo dominava também a leitura num sistema de escrita

alfabético, o *pinyin*. Os resultados deste estudo mostraram que os indivíduos do segundo grupo detiveram mais destreza nas tarefas propostas do que os indivíduos que apenas conheciam o sistema ideográfico. Assim, comprovou-se que a capacidade para manipular os sons da fala, bem como a percepção dos segmentos fonéticos das palavras dependem da aprendizagem de um sistema de leitura e escrita alfabético. Estes autores concluíram que não é o ensino da linguagem escrita que está na base da capacidade de segmentação, mas o ensinamento de um sistema alfabético em particular.

Existem estudos, de carácter longitudinal, que pretenderam avaliar crianças antes e depois da aprendizagem formal da leitura. Na sua maioria, verificou-se que as crianças apresentavam resultados fracos nas tarefas de avaliação fonológica, no início do 1º ano, no decorrer da aprendizagem dos conhecimentos, nomeadamente do código alfabético, aprofundaram os seus conhecimentos (Silva, 1997).

Na perspectiva de que a consciência fonológica é a causa da aprendizagem da leitura, existem numerosos estudos que destacam o seu carácter preditor sobre a aprendizagem da leitura num sistema alfabético (Bradley & Bryant, 1987; Mann, 1984; Liberman & Shankweiler, 1989; Wagner & Torgesen, 1987; Yopp, 1988). Foram então desenvolvidos estudos correlacionais, que recaíram em programas de treino e em estudos comparativos entre bons e maus leitores, com o objectivo de comprovar que a consciência fonológica é um pré-requisito para o sucesso na aprendizagem da leitura e da escrita (Ribeiro, 2005).

Quando as crianças apresentam sensibilidade para os sons pode prever o sucesso na aquisição da leitura e escrita. Desta forma, pode referir-se que a capacidade fonológica seria um precursor e não um pré-requisito para a aquisição da leitura e escrita (Harten & Carvalho, 1995).

Alguns investigadores sustentam que “o treino em categorização de sons é mais efectivo quando também se envolve uma conexão com o alfabeto” (Bradley & Bryant, *cit.* por Morais, 1997, p. 53). Os mesmos efectuaram um estudo onde verificaram que as crianças com dificuldades na leitura e na escrita têm maiores dificuldades em testes de consciência fonológica (A. Morais, 1997).

Outros investigadores, como Fox e Routh (1984) desenvolveram um estudo com o objectivo de analisar o efeito de determinadas competências fonémicas treinadas para a aprendizagem da leitura. Os resultados obtidos mostram que as crianças que já efectuavam operações de segmentação, bem como as que foram exercitadas para operações de síntese e segmentação fonémica tiveram mais sucesso

no programa de leitura do que as crianças do grupo de controlo e do grupo que dispunha de boas competências de segmentação. De acordo com os resultados, os autores concluíram que a aprendizagem da leitura é facilitada pelo conjunto de competências de segmentação e de reconstrução fonémica (Silva, 2003).

Um outro estudo, realizado por Olofson e Lundberg (1985) mostrou que a consciência fonológica pode ser desenvolvida independentemente de um contexto formal de instrução sobre o código alfabético com impacto positivo na aprendizagem da leitura e da escrita (Silva, 2003).

Pode referir-se que, estes estudos, permitiram concluir que a intervenção ao nível das competências fonológicas em crianças de idade pré-escolar favorece o desenvolvimento da consciência fonológica e a aprendizagem da leitura e da escrita.

Segundo Cadine, et al (2009) é fundamental desenvolver o mais precocemente, situações em que através da fala se elabore a escrita e vice-versa. Quão melhor a criança controlar a oralidade, maior é a probabilidade de esta ser bem sucedida na aquisição da leitura e escrita.

De acordo com Santamaria, Leitão, Assencio-Ferreira (2004), a consciência fonológica ocorre paralelamente ao desenvolvimento da leitura, porém inicialmente não tem um grau de dependência elevado. A alfabetização vai-se aperfeiçoando e a consciência fonológica também, caminhando juntas auxiliando a criança no desenvolvimento das funções cognitivas reflectindo-se no processo de construção do aprendido.

Segundo Capovilla e Capovilla (2003) para evitar dificuldades na leitura e escrita, as crianças deveriam ser ensinadas a manipular os fonemas através da instrução do adulto, pois quanto mais desenvolvida essa habilidade melhor a compreensão da relação fonema-grafema.

Pestum (2005) concluiu que existe uma relação de reciprocidade entre a consciência fonológica e a leitura e a escrita, isto é, assim como as habilidades metalinguísticas são importantes para a aquisição e desenvolvimento da leitura e escrita, o ensino destas últimas favorece o desenvolvimento da consciência fonológica.

Assim, Pestum (2005) refere que o desconhecimento do que são habilidades metalinguísticas e metafonológicas e a ausência de treino sistemático dessas habilidades não favorecem um melhor desempenho das crianças nas tarefas de segmentação, síntese, manipulação e transposição fonémica.

Numa perspectiva de que a consciência fonológica influencia a velocidade e o nível de leitura levou Cavalheiro, Santos, Martinez (2010) a verificar tal afirmação, pelo que procederam a um estudo com 60 crianças entre os 5 e os 8 anos, matriculadas em escolas particulares de Salvador-Bahia que frequentavam o 1º ano do Ensino Fundamental, aos quais foi aplicada a Prova de Consciência Fonológica (PCF) e textos para avaliar o nível e velocidade de leitura e posteriormente se comparou e se correlacionou o desempenhos dos sujeitos na prova de consciência fonológica com o nível e a velocidade de leitura. Assim, foi possível concluir que existe uma correlação positiva fraca entre a consciência fonológica e o nível e a velocidade de leitura.

Segundo Liberman e cols. (citado por Goday, 2003) as crianças entre os quatro e os cinco anos de idade possuem habilidades fonológicas, sintáticas mas não fonémicas, uma vez que estas são adquiridas no processo de aprendizagem da leitura e escrita por volta dos seis anos de idade. Assim podemos dizer que existem quatro níveis de desenvolvimento da consciência fonológica, inicialmente a sensibilidade à rima e à aliteração, onde a criança descobre que determinadas palavras apresentam o mesmo conjunto de sons no início (aliteração) ou no fim (rima). Isto implica, por parte da criança uma capacidade para detetar estruturas sonoras semelhantes em diferentes palavras, pelo que permite um melhor desenvolvimento da consciência fonológica e, por conseguinte uma melhor aprendizagem da leitura e escrita. Num segundo nível o conhecimento silábico, isto é, a criança apresenta capacidade para segmentar e manipular com as estruturas silábicas das palavras, implicando um processo de divisão da palavra em sílabas. Num terceiro nível, o conhecimento intrassilábico, que envolve por parte da criança a compreensão de que as sílabas podem ser subdivididas em elementos mais pequenos e maiores que um fonema. No último e quarto nível o conhecimento segmentar, onde a criança tem capacidade de perceber que as palavras são compostas por um conjunto de segmentos sequenciados denominados por fonemas.

Como já referiram anteriormente, Navas e Santos (2004), Zorzi (2003) e Pestum (2005) citado por Pestum (2010), a relação entre a consciência fonológica ao nível do fonema e a aquisição da leitura e escrita é recíproca e bidirecional, isto é, à medida que a consciência fonológica se desenvolve facilita a criança na aprendizagem da leitura e escrita, pelo que proporciona a consolidação da consciência fonológica. Assim, a criança que consegue refletir sobre os sons da fala terá mais facilidade de associar esses sons às letras.

De acordo com Guimarães (2002) citado por Pestum (2010) que verificou que existe uma relação entre consciência fonológica e a consciência sintática e o desempenho ao nível da leitura e escrita de palavras isoladas.

Segundo Paula e cols (2005) citado por Pestum (2010) a mesma verificou que a influência da terapia em consciência fonológica nos processos de alfabetização através de actividades específicas e sistematizadas, onde foi possível constatar que a terapia em consciência fonológica associada ao ensino das relações grafema-fonema interferiu significativamente no processo de alfabetização. Assim, regista-se um aumento do desempenho ao nível da leitura e escrita após a terapia em consciência fonológica, existindo uma correlação entre leitura e consciência fonológica e consequente compreensão leitora.

Tal como os anteriores, também Britto e colaboradores (2006, cit Pestum, 2010), realizaram um estudo em que comprovaram que crianças que passaram pela intervenção em consciência fonológica apresentaram melhores resultados de consciência fonológica, apresentando maior habilidade na consciência fonológica e desenvolvimento da escrita.

3. A concepção dos Educadores de Infância sobre a consciência fonológica

As concepções dos educadores de infância e dos professores são hipóteses implícitas sobre os alunos, a aprendizagem, as salas de aula, as estratégias de ensino, o currículo, a pedagogia e o programa educativo (Cassidy, & Lawrence, 2000).

Diferentes fontes bibliográficas apoiam a ideia de que os objectivos do professor, do que este pretende atingir com os seus alunos estão enraizados na opinião do educador/professor (Brown, Molfese & Molfese, 2008).

Existem inúmeras fontes sobre as concepções dos educadores/professores sobre o currículo na educação de infância, explícitas e implícitas, incluindo experiências pessoais do passado, a sua formação e educação formal, tal como o actual contexto pedagógico (Spodek, 1988; Wang et al, 2008).

Por um lado as concepções dos professores são construídas tendo por base a experiência directa, antes das interferências da experiência directa, ou através da informação recebida por fontes externas, como cursos universitários, bibliografia e cursos de formação contínua (Cassidy & Lawrence, 2000).

Por outro lado as concepções são influenciadas pela sua história pessoal, política, pelas crenças culturais e pelas suas práticas e que essas atravessam o conhecimento dos professores e afectam o seu comportamento na sala de aula (Tseng e Ivanic, 2006).

É no jardim-de-infância que as crianças se preparam para a escola e, como tal é considerado como um período de preparação, onde se criam as condições para que as crianças cheguem à escola mais apetrechadas para a aquisição da leitura e escrita, isto é, com os pré-requisitos necessários para esta aprendizagem.

Actualmente, os educadores de infância têm metas de aprendizagem para o pré-escolar, as quais contribuem para esclarecer e explicitar as “condições favoráveis para o sucesso escolar”. As metas de aprendizagem estão divididas pelas áreas da formação pessoal e social, expressão e comunicação, linguagem oral e abordagem à escrita, matemática e conhecimento do mundo e, ainda as tecnologias de informação e comunicação (ME-DGIDC, 2010).

A área de maior interesse neste estudo será a da linguagem oral e abordagem à escrita. Esta área refere-se não só às aprendizagens relacionadas com a linguagem oral, mas também às que se relacionam com a compreensão do texto escrito, lido pelo adulto e, as que são indispensáveis para iniciar a aprendizagem formal da leitura e da escrita (ME-DGIDC, 2010).

A área da linguagem oral e abordagem à escrita divide-se ainda em domínios, nomeadamente, consciência fonológica, reconhecimento e escrita de palavras, conhecimento das convenções gráficas e compreensão de discursos orais e interacção verbal (ME-DGIDC, 2010).

No âmbito da consciência fonológica foram elaboradas sete metas a atingir no final da educação pré-escolar, nomeadamente (ME-DGIDC, 2010):

1. A criança deverá produzir rimas e aliteraões;
2. A criança deverá segmentar silabicamente palavras;
3. A criança deverá reconstruir palavras por agregação de sílabas;
4. A criança deverá reconstruir sílabas por agregação de sons da fala (fonemas);
5. A criança deverá identificar palavras que começam ou acabam com a mesma sílaba;
6. A criança deverá suprimir ou acrescentar sílabas a palavras;
7. A criança deverá isolar e contar palavras em frases.

Assim, de acordo com as orientações efectuadas pelo Ministério da Educação para a Educação Pré-Escolar, verifica-se que a consciência fonológica é um domínio da linguagem que deve ser explorado pelos educadores de infância nas suas salas, uma vez que em estudos, anteriormente referidos, este domínio ao ser trabalhado precocemente influenciará positivamente a aquisição da leitura e escrita.

Em suma, a consciência fonológica é uma capacidade que representa uma função relevante para a aquisição da escrita. A aptidão de reflectir sobre os sons da fala e identificar os respectivos grafismos é de extrema utilidade numa fase inicial do desenvolvimento da leitura e escrita (ME-DGIDC, 2010).

Tendo em conta que a criança apresenta um conhecimento da estrutura sonora das palavras o educador de infância deverá adequar as suas actividades em função da hierarquia de conhecimentos e de dificuldades. Assim, as tarefas que implicam operações de reconhecimento são mais fáceis do que as de produção; as que pressupõem operações de segmentação apresentam mais dificuldade do que as de reconstrução; as que exigem consciência ao nível da sílaba são mais fáceis do que as que requerem consciência ao nível do fonema, sendo as tarefas de segmentação ou de reconstrução mais fáceis com consoantes iniciais do que com finais (Silva, M., 2007).

Assim, a consciência fonológica é um facilitador para a aquisição da escrita, como também um instrumento para o trabalho desenvolvido pelos educadores de infância que aspirem auxiliar a criança na busca da aquisição da fala e da escrita.

3.1. As orientações curriculares e a abordagem à leitura e escrita em educação pré-escolar

De acordo com as Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar (1997), “a intencionalidade do processo educativo que caracteriza a intervenção profissional do educador passa por diferentes etapas interligadas que se vão sucedendo e aprofundando...”(p.25). Portanto, o educador deve observar, planificar, avaliar e comunicar com as crianças, com a equipa de trabalho, pais e comunidade.

O educador de infância, numa sala de educação pré-escolar, assume as funções de criar situações de aprendizagem, não tendo apenas por base experiências anteriormente planeadas, que espelham uma observação pensada nos interesses e necessidades do grupo, mas também uma organização dos espaços e tempos onde essas experiências serão vivenciadas.

No jardim de infância, a forma como se organizam os espaços e o tempo condicionam tudo o que as crianças podem fazer, pelo que é muito importante a forma como o educador perspectiva esta questão e como a pode aproveitar em benefício ou detrimento da sua intervenção pedagógica (Ministério da Educação, 1997).

No domínio da linguagem, o educador tem um papel fundamental, uma vez que proporciona momentos para o desenvolvimento da linguagem oral e desenvolve actividades relacionadas com a linguagem escrita. Assim, as Orientações Curriculares para a Educação Pré-escolar (1997) e nas Metas de aprendizagem (ME-DGIDC, 2010) dão muita importância à abordagem da escrita no jardim de infância bem como o importante papel do educador de infância.

De acordo com o referido nas Orientações Curriculares para a Educação Pré-escolar (1997), “cabe ao educador alargar intencionalmente as situações de comunicação, em diferentes contextos, com diversos interlocutores, conteúdos e intenções que permitam às crianças dominar progressivamente a comunicação como emissores e como receptores” (p.68), contudo, o educador também tem a função de “proporcionar o contacto com diversos tipos de texto escrito que levam a criança a compreender a necessidade e as funções da escrita, favorecendo a emergência do código escrito” (p.71).

O ensino deverá ser mais eficaz, através do planeamento, organização, sistematização de práticas educativas que proporcionam o desenvolvimento das capacidades indicadoras de um bom desempenho em leitura, nomeadamente, a consciência fonológica, sendo que esta competência é determinante para a

compreensão do princípio alfabético do sistema de escrita (IRA e NAYEC, 1998, in Sim-Sim & Santos, 2006).

No que se refere à parte educativa, devem ser implementados precocemente actividades, de modo intencional e sistemático, que facilitem o pré-escolar, como refere Sim-Sim (2006, p.190), “...a compreensão do princípio alfabético e do desenvolvimento da consciência fonológica, a par da leitura em voz alta para as crianças e da interacção verbal...”

Tendo em consideração a relação entre a consciência fonológica e o sucesso da aprendizagem da leitura, as actividades a desenvolver no jardim de infância para desenvolver a consciência fonológica devem ser realizadas de forma sistemática no contexto pré-escolar. Estas actividades podem ser combinadas com outras actividades no âmbito da linguagem oral e escrita, sempre de uma forma lúdica. As actividades e jogos podem mobilizar palavras associadas aos temas que estão a ser desenvolvidos na sala de aula, ou a histórias ou a lengalengas lidas, etc. (Sim-Sim, Silva & Nunes, 2008).

“...a qualidade das acções desenvolvidas na educação pré-escolar é crucial para o desenvolvimento da linguagem e da literacia adquirida posteriormente...” (Caspe, 2007 cit. in Cadine, I. *et al* (2009)).

Cabe aos educadores de infância o desenvolvimento da capacidade de fazer uso da linguagem, para que cada criança possa evoluir dentro das suas possibilidades e desafios que lhe são lançados.

Ao nível do pré-escolar, tanto mais rico será o processo de aquisição da linguagem quanto mais estimulante for o meio linguístico que o educador conseguiu proporcionar no jardim de infância.

De acordo com um estudo realizado por Pestum (2010), com o objectivo de verificar se um programa de estimulação de consciência fonológica aplicado de forma sistemática no ensino pré-escolar desenvolveria essa capacidade e se existiria alguma correlação entre a consciência fonológica e a escrita, assim concluíram que uma estimulação ao nível da consciência fonológica trás ganhos ao nível da consciência silábica, fonémica e na escrita.

3.2. Actividades para o desenvolvimento de consciência fonológica

As actividades de consciência linguística têm muito impacto quer ao nível do desenvolvimento da linguagem oral, quer da aprendizagem da linguagem escrita de que são potencializadoras.

Segundo um estudo realizado por um grupo de estudantes de educação de infância, que teve como objectivo a construção de actividades de consciência linguística, como lengalengas, trava-línguas e pequenas poesias. Estas actividades têm como objectivo o desenvolvimento de capacidades linguísticas da criança, de conhecerem e aplicarem estratégias de avaliação da consciência linguística, de identificarem situações pedagógicas potencializadoras do desenvolvimento da consciência linguística para conceberem programas para a desenvolverem. As futuras educadoras de infância começaram por privilegiar a rima de forma a promover a percepção de palavras que rimassem entre si. Posteriormente privilegiaram a unidade de sílaba, através da divisão silábica, para desenvolver a contagem das sílabas que formavam as palavras. Como terceira actividade desenvolveram actividades de consciência da palavra e frases. A última actividade consistia na “leitura” recorrendo a pictogramas, de forma a trabalhar a descoberta da direcionalidade da escrita e a consolidação de outras convenções de linguagem escrita.

Assim, de acordo com o estudo realizado por Silva (2007) as actividades de consciência linguística têm um impacto positivo no desenvolvimento da linguagem oral e da aprendizagem da linguagem escrita. No entanto, a aplicação das actividades de consciência fonológica peca pela superficialidade, ficando aquém da exploração, de todas as suas potencialidades, assumindo frequentemente um carácter ocasional.

Segundo Pestum (2005) no jardim de infância poderá ser o momento adequado para o desenvolvimento de habilidades metafonológicas que favoreciam posteriormente a aquisição e desenvolvimento das habilidades de leitura e escrita. Para esta autora os educadores de infância necessitam de cursos de formação contínua para compreenderem o que é a metalinguagem e habilidades metafonológicas e aplicar procedimentos que favoreçam a aquisição e o desenvolvimento dessas habilidades nas crianças.

Existem diversos estudos, que têm demonstrado que jogos e actividades metalinguísticas, como músicas, poemas e pistas letra-som, colaboram para o desenvolvimento da consciência fonológica e conhecimento alfabético. De uma forma

geral o treino em consciência fonológica facilita a leitura e o desenvolvimento ortográfico (Craig, 2006 cit. Pestum, 2010).

Para avaliarem a consciência fonológica os educadores de infância podem utilizar diversas tarefas, nomeadamente: tarefas de contagem, onde se pede à criança para contar as sílabas ou os fonemas que ouve; tarefas de classificação, onde se pede à criança para classificar um conjunto de palavras, através de imagens, segundo critérios silábicos ou fonémicos; tarefas de segmentação, onde se pede à criança para dividir as palavras em sílabas ou fonemas; tarefas de síntese ou reconstrução, onde se pede à criança para, através de um conjunto de sílabas ou fonemas, descubra de que palavra se trata e por último as tarefas de manipulação, onde se pede à criança para omitir, adicionar ou trocar de posição uma sílaba ou fonema de diferentes palavras.

Para um bom desenvolvimento da consciência fonológica os educadores de infância podem realizar jogos que contenham letras ou palavras, como por exemplo: dominós, puzzles, bingos ou jogos de associação, jogos de memória. Através destes jogos as crianças têm a oportunidade de identificar e associar letras, formar palavras simples, podendo também copiar as letras/palavras. Para além destas actividades é importante ouvir, contar e inventar rimas, canções e lengalengas. Assim, ao mesmo tempo que brincam têm contacto com diferentes tipos de textos e formas de escrita, favorecendo o desenvolvimento da criatividade, bem como dão início à compreensão da relação fonema-grafema.

CAPITULO II – ESTUDO EMPÍRICO

CAPÍTULO II – ESTUDO EMPÍRICO

Neste capítulo descreve-se a metodologia utilizada na investigação, na qual optámos por recorrer a métodos de análise qualitativos. Iniciaremos por traçar os objectivos do presente estudo. Posteriormente exporemos a caracterização da amostra que participou no estudo, os instrumentos e materiais utilizados na recolha de dados que nos permitissem responder aos nossos objectivos e a sua descrição, bem como os procedimentos do estudo.

Para a realização do presente estudo será utilizada a análise de conteúdo para tratar os dados obtidos através das entrevistas semi-estruturadas, tendo como bases Bardin (2009).

Segundo Bardin (2009) a análise de conteúdo pode ser a análise dos “significados”, como a análise temática, mas também a análise dos “significantes”, isto é, a análise lexical e análise dos procedimentos. No entanto, no início de todo este processo tem o tratamento descritivo.

A análise de conteúdo, segundo Bardin (2009), é um método empírico que depende da “fala” e do tipo de interpretação que fazemos de acordo com o objectivo, tem características sistemáticas e objectivas, como retrata Berelson (cit. in Bardin 2009), “uma técnica de investigação que através de uma descrição objectiva, sistemática e quantitativa do conteúdo manifesto das comunicações tem por finalidade a interpretação destas mesmas comunicações”.

Aquando da análise, o analista delimita as unidades de codificação ou de registo, que de acordo com o código, podem ser palavras, frases, etc. No entanto, quando existe alguma ambiguidade nos elementos codificados deverá recorrer-se às unidades de contexto, que permitem conceber o significado dos itens recolhidos, repondo-os no seu contexto. Chamando-se este método de análise categorial.

De acordo com Bardin (2009), o processo de análise de conteúdo respeita três estádios distintos, mas ligados entre si: a pré-análise, a exploração do material e o tratamento dos resultados.

A pré-análise tem por objectivo tornar operacionais e sistematizar as ideias iniciais, para conduzir a um esquema do desenvolvimento das operações sucessivas, num plano de análise.

Segundo Bardin (2009), inicialmente deverá fazer-se uma “leitura flutuante”, isto é, consiste em contactar com os documentos a analisar, para que passo a passo, se elabore uma leitura mais precisa e orientada para os objectivos.

A exploração do material consiste na aplicação sistemática das decisões tomadas, isto é, consiste essencialmente em operações de codificação, decomposição ou enumeração, em função de regras previamente formuladas, nomeadamente, à transformação dos dados em bruto do texto, de forma a atingir uma representação do conteúdo.

O tratamento dos resultados obtidos e a interpretação dos mesmos constitui a terceira fase do procedimento, onde os resultados brutos são tratados de forma a serem significativos e válidos.

No presente estudo, irá utilizar-se a técnica de análise de conteúdo categorial temática. A categorização é uma operação de classificação de elementos constitutivos de um conjunto por diferenciação e, por conseguinte, por reagrupamento segundo o género, com critérios previamente estabelecidos. As categorias são classes onde se reúnem um grupo de elementos, tendo em conta as características desses elementos.

1. Objectivos

Tendo por base a literatura ostentada e consultada anteriormente, com este trabalho pretende-se perceber se os Educadores de Infância, titulares de sala, têm consciência dos benefícios que a aquisição da consciência fonológica em idade pré-escolar tem para a aquisição da leitura e escrita.

Dado que muitas das investigações analisadas atribuem muita importância à consciência fonológica no processo de aquisição de leitura e escrita procurou-se então perceber as concepções dos educadores de infância sobre esta questão. Assim podem delinear-se os objectivos deste estudo:

- Identificar as concepções dos educadores de infância sobre o conceito de consciência fonologia;
- Identificar a importância e os benefícios do desenvolvimento da consciência fonológica no jardim de infância;
- Identificar as actividades que os educadores de infância promovem para o desenvolvimento da consciência fonológica no jardim de infância.

2. Amostra

A população alvo é designada, segundo Fortin (2003) pela população que satisfaz os critérios de selecção definidos antecipadamente e para os quais o investigador deseja fazer generalizações. Para este estudo, esta população corresponderá a todos os Educadores de Infância, titulares de sala, de qualquer idade, de ambos os sexos, pertencentes aos Agrupamentos de Escolas a nível nacional, de norte a sul de Portugal. Mas, face à extensão do nosso país, não se poderá fazer a generalização dos resultados, assim surge a população acessível, que segundo Fortin (2003), é uma população representativa da população alvo, constituída pela população que está acessível ao investigador e, ao mesmo tempo limitada a uma região, cidade, etc. Neste caso, a população acessível corresponderá a Educadores de Infância, dos vários sexos, e de diferentes faixas etárias, de Alter do Chão, Avis e Ponte de Sor.

A amostra é um sub-conjunto de uma população ou de um grupo de sujeitos que fazem parte de uma mesma população, isto é, uma réplica em miniatura da população alvo (Fortin, 2003). Foi utilizada uma amostra de 15 Educadoras de Infância, do sexo feminino, com idades compreendidas entre os 33 e os 57 anos, com experiência profissional compreendida entre os 5 e os 32 anos e, que se encontravam em Salas de Jardim de Infância do tipo heterogéneas, nos concelhos de Avis e de Ponte de Sor.

Idade

A tabela 1 mostra a distribuição dos sujeitos da amostra por idade, onde se pode verificar que existe 60% dos sujeitos com idade inferior aos 45 anos e 40% com idade superior aos 45 anos.

TABELA I. Distribuição dos sujeitos por idade

	N	%
<45 anos	9	60
>45 anos	6	40
Total	15	100

Experiência Profissional

A tabela 2 mostra a distribuição dos sujeitos da amostra por experiência profissional, onde se pode verificar que existem 46,3% dos sujeitos com experiência profissional inferior a 15 anos e 53,3% com mais de 15 anos de experiência profissional.

TABELA II. Distribuição dos sujeitos por experiência profissional

	N	%
Até aos 15 anos de experiência	7	46,7
Mais de 15 anos de experiência	8	53,3
Total	15	100

3. Instrumentos e Procedimentos

Para analisarmos as concepções dos educadores de infância sobre a importância da aquisição da consciência fonológica em crianças em idade pré-escolar foi realizada uma entrevista individual, semi-estruturada a cada educadora de infância, onde se pretendeu obter definições e descrições dos participantes, relativamente às concepções sobre a importância da aquisição da consciência fonológica em idade pré-escolar.

Inicialmente foi realizado um estudo piloto com o objectivo de desenvolver o guião de entrevista semi-estruturada, bem como testar a sua validade em termos de conteúdo. Desta forma, pretende-se perceber como as questões são compreendidas e entendidas pelos participantes. Para além do referido, pretende-se adaptar a ordem pela qual se devem formular as questões, de forma a facilitar as entrevistas, tendo em conta as concepções dos educadores de infância sobre a importância da aquisição da consciência fonológica em idade pré-escolar e quais as actividades desenvolvidas pelos educadores de infância em contexto de jardim de infância.

Inicialmente, começou-se por fazer uma exaustiva revisão da literatura existente de forma a elaborar as questões da entrevista semi-estruturada, e que se pretendem testar.

Assim, a entrevista foi realizada a educadoras de infância do concelho de Ponte de Sor.

Os resultados obtidos pelas entrevistas permitirão aferir as questões elaboradas, verificando se retém alguma ambiguidade e se facultam dados susceptíveis de uma análise objectiva. Assim, estes dados possibilitarão compreender se existe a necessidade ou não de reformular as questões do respectivo guião de entrevista semi-estruturada.

A formulação das questões para a entrevista do estudo piloto tiveram por base a revisão da literatura relativamente à consciência fonológica e às actividades de jardim de infância, tendo por base a organização curricular para o jardim de infância. Desta forma, pretende-se que os participantes reflectam sobre as suas concepções quanto à importância da consciência fonológica no jardim de infância. Desta forma, elaborou-se a versão inicial das entrevistas semi-estruturadas, sendo constituídas pelas seguintes questões:

- 1- Para si o que é a consciência fonológica?
- 2- Considera importante que o desenvolvimento da consciência fonológica seja trabalhado no jardim de infância?
- 3- Quais os benefícios de ser trabalhada a consciência fonológica no jardim de infância?
- 4- Parece-lhe que a consciência fonológica poderá ser um pré-requisito para a aquisição da leitura e escrita?
- 5- Que aspectos da consciência fonológica considera importantes trabalhar no jardim de infância?
- 6- Quais as actividades relacionadas com a consciência fonológica que desenvolve no jardim de infância?

Efectivamente, optou-se por realizar as entrevistas semi-estruturadas numa pequena amostra, composta por três participantes, com o intuito de aferir a adequabilidade e a compreensão da linguagem. A cada participante foi apenas efectuada uma única entrevista semi-estruturada e semi-directiva, com respostas abertas. Os participantes tinham idades compreendidas entre os 38 e os 44 anos, do sexo feminino e com experiência profissional entre os 13 e os 17 anos de experiência.

Neste seguimento, após a validação do guião de entrevista procedeu ao contacto com os Directores dos Agrupamentos de Escolas de Avis e de Ponte de Sor, por pedido de autorização e presencialmente, onde foram informados do objectivo do

estudo. Após a análise por parte dos Directores dos respectivos Agrupamentos de Escolas, a investigadora foi contactada via telefone, onde lhe foi comunicado o parecer positivo e respectiva autorização para efectuar os procedimentos necessários para a elaboração do respectivo estudo.

Posteriormente, foram contactadas as Educadoras de Infância dos respectivos Jardins-de-Infância, a quem foi explicado o estudo, mencionando que o mesmo se enquadrava numa dissertação de mestrado e cujo objectivo principal se prende com a concepção dos educadores de infância sobre a importância da aquisição da consciência fonológica em idade pré-escolar.

As entrevistas semi-estruturadas foram realizadas entre Junho e Julho de 2011.

Os dados sócio-demográficos solicitados aos sujeitos foram a idade, a experiência profissional, habilitações literárias e o tipo de sala de jardim de infância em que leccionavam.

Após a análise das entrevistas semi-estruturadas do estudo piloto, concluiu-se o guião de entrevista final, sendo este constituído pelas seguintes questões:

- 1- Para si o que é a consciência fonológica?
- 2- Que importância atribui ao trabalho sobre a consciência fonológica no jardim de infância? Porquê?
- 3- Quais os benefícios de ser trabalhada a consciência fonológica no jardim-de-infância?
- 4- Parece-lhe que a consciência fonológica poderá ser um pré-requisito para a aquisição da leitura e escrita? Porquê?
- 5- Que aspectos da consciência fonológica considera importantes trabalhar no jardim-de-infância? Porquê?
- 6- Que actividades de consciência fonológica podem ser desenvolvidas no Jardim de Infância?

As respostas dadas pelas educadoras de infância foram analisadas através da análise de conteúdo de forma a verificar as concepções dos educadores de infância face à consciência fonológica, onde foi possível construir uma grelha de análise temática e categorial.

TABELA III. Temas e questões das entrevistas

Temas	Questões
Tema I – Conceito	- Para si o que é que é a consciência fonológica?
Tema II – Importância	- Que importância atribui ao trabalho sobre a consciência fonológica no jardim de infância? Porquê? - Parece-lhe que a consciência fonológica poderá ser um pré-requisito para a aquisição da leitura e escrita? Porquê? - Que aspectos da consciência fonológica considera importantes trabalhar no jardim-de-infância? Porquê?
Tema III – Benefícios	- Quais os benefícios de ser trabalhada a consciência fonológica no jardim-de-infância?
Tema IV – Actividades	- Que actividades de consciência fonológica podem ser desenvolvidas no Jardim de Infância?

De acordo com a análise temática e categorial fez-se o levantamento e categorização de toda a informação expressa pelos sujeitos, onde se manteve as definições o mais próximas possíveis da linguagem usada pelos sujeitos.

A análise das frequências efectuou-se em função das unidades de sentido, a partir do qual se efectuou a contagem do número de vezes que cada tema ou categoria emergiam no discurso dos sujeitos.

A grelha de análise temática e categorial é composta por quatro temas e respectivas categorias. As categorias foram construídas através da análise da informação recolhida no discurso dos sujeitos e definidas, utilizando uma linguagem o mais semelhante à proferida pelos sujeitos.

Tema I – Conceito

No tema I - Conceito, incluíram-se todas as verbalizações proferidas pelos sujeitos relativamente à definição da consciência fonológica. Neste tema incluíram-se como categorias: reconhecimento e discriminação de sons, produção e articulação de sons, divisão silábica e expressão oral.

I.1. Reconhecimento e Discriminação de sons

Nesta categoria incluímos todos os exemplos relativos ao reconhecimento e discriminação de sons.

Exemplos:

“...tomada de conhecimento por parte da criança no que diz respeito aos sons...”
(Suj.1)

“...entender que o som...de cada palavra tem um significado diferente.” (Suj. 3)

“...consciência que a criança vai tomando dos sons que ouve...se isso for entre aspas de boa qualidade a criança irá assimilar tudo o que é palavras, sons com mais correcção.” (Suj.7)

“...é a capacidade que a criança tem de ir adquirindo sons, construir frases...ou seja o vocabulário que vai apresentando em cada fase do seu crescimento.” (Suj.8)

“...consciência dos sons que a criança utilizam...” (Suj.11)

“...as crianças terem consciência...a nossa língua...da sonoridade...de como podemos trabalhar a nossa língua...” (Suj.12)

“...tudo o que emanda da palavra, do som da palavra, do som das letras dos sons...da nossa fala...” (Suj.6)

“...utilizar a imagem e a palavra para que elas tenham mais consciência dos objectos e das palavras.” (Suj.15)

I.2. Produção e articulação de sons

Nesta categoria incluímos todos os exemplos relativos à produção e articulação dos sons.

Exemplos:

“...ter consciência da maneira como se diz os sons, como articulam bem os sons...”
(Suj.4)

“...trabalhar os sons, as palavras...” (Suj.9)

“...explorar os sons abertos e os sons fechados...” (Suj.9)

“...capacidade de ouvirmos os sons, de reproduzirmos esses mesmos sons...ir ao encontro de sons...semelhantes conseguindo reconhecer os sons.” (Suj.10)

“a linguagem é constituída por sons é a formada por sons e é a tomada de consciência dessa formação de sons para chegar às palavras...” (Suj.11)

“...a parte sonora das palavras...a capacidade de perceber e de ter consciência dos diferentes sons que compõem a palavra...” (Suj.14)

“...os sons das palavras apreendidas pelas crianças...” (Suj.15)

I.3. Divisão silábica

Nesta categoria incluímos todos os exemplos relacionados com a divisão silábica.

Exemplos:

“...divisão silábica de palavras...” (Suj.1)

“...separação silábica...” (Suj.4)

“...divisão silábica...” (Suj.9; Suj.13)

I.4. Expressão oral

Nesta categoria incluímos todos os exemplos relativos à expressão oral.

Exemplo:

“...desenvolve essencialmente a oralidade” (Suj.5)

“...aumenta também o vocabulário dos miúdos...” (Suj.5)

Tema II – Importância

No tema importância, incluíram-se todas as definições proferidas pelos sujeitos referentes à importância que cada sujeito dá à consciência fonológica. Neste tema incluíram-se como categorias: atitude avaliativa positiva, iniciação precoce, aprendizagem da linguagem oral, aprendizagem da leitura e escrita em geral, divisão silábica e discriminação de sons.

II.1. Atitude avaliativa positiva

Nesta categoria incluímos todos os exemplos relativos à avaliação positiva relativamente à importância da consciência fonológica.

Exemplo:

“Eu acho que é fundamental...” (Suj.5)

“Atribuo uma importância enorme...” (Suj.6) (Suj.10)

“...é importante trabalhar...vai ter repercussões na criança pela vida fora...” (Suj.7)

“É muito importante...”(Suj.1; Suj.2; Suj.4; Suj.8; Suj.11; Suj.12; Suj.13; Suj.14; Suj.15)

II.2. Iniciação precoce

Nesta categoria incluímos todos os exemplos relativos à iniciação precoce da consciência fonológica.

Exemplo:

“...começa logo também nos pequeninos...”(Suj.1)

“É uma das primeiras etapas...para trabalhar a escrita com as crianças” (Suj.3)

“...irá capacitada para o primeiro ciclo para escrever correctamente, falar e escrever correctamente.” (Suj.8)

“...terem consciência da língua...” (Suj.10)

“...preparação para o primeiro ciclo...vão despertando para essa nova etapa...despertar para a leitura e para a escrita...” (Suj.12)

II.3. Aprendizagem da linguagem oral

Nesta categoria incluímos todos os exemplos relativos à importância da consciência fonológica na aprendizagem da linguagem oral.

Exemplo:

“...produzir logo correctamente pronto as palavras...” (Suj.1)

“... incentiva-se o uso de linguagem...”(Suj.2)

“...através das palavras que eles utilizam diariamente ou uma palavra que surge...” (Suj.3)

“...porque ao saberem articular bem...desenvolve mesmo a linguagem das crianças” (Suj.4)

“...desenvolvimento da oralidade...” (Suj.5)

“...desenvolve-os ao nível da destreza da linguagem...” (Suj.6)

“...saber articular...” (Suj.7)

“...essa capacidade de...dizer as palavras para construir frases até ir conseguindo um vocabulário mais elaborado...” (Suj.8)

“...para poder-se saber ouvir tem que se perceber o que se ouve e daí poder articular melhor e perceber onde se erra quando não se consegue falar...” (Suj.9)

“...dá-nos...o domínio da comunicação...” (Suj.11)

“...parte da sonoridade, a parte da linguística, a parte fonológica...” (Suj.12)

“...as crianças a terem uma melhor dicção...” (Suj.14)

II.4. Aprendizagem da leitura e escrita em geral

Nesta categoria incluímos todos os exemplos relativos à importância da consciência fonológica na aprendizagem da leitura e escrita.

Exemplo:

“...darem menos erros...adquirem mais facilmente e percebem mais facilmente o som e escrevem melhor e por sua vez também lerem melhor” (Suj.6)

“...se a criança conhece bem a palavra e portanto fala bem e a diz bem...é lógico que vai escrevê-la acho eu bem...” (Suj.7)

“...a criança ao entrar no primeiro ciclo vai escrever ou aprender a escrever conforme fala...”(Suj.8)

“...terem consciência da letra, da palavra, da frase...” (Suj.10)

“...tomarem consciência de que o código escrito e falado é importante...” (Suj.12)

“...apreensão da leitura e da escrita.” (Suj.13)

“...mais facilidade na aquisição da leitura e da escrita...” (Suj.14)

“...desenvolver...a parte da escrita...” (Suj.15)

“...uma aprendizagem mais facilitada...no primeiro ciclo...por causa da escrita.” (Suj.15)

II.5. Divisão silábica

Nesta categoria incluímos todos os exemplos relativos à divisão silábica.

Exemplo:

“...trabalho muito as sílabas, a palavra...consciência que uma palavra se divide em várias sílabas, tem várias letras...” (Suj.1, Suj.2, Suj.3)

“...das sílabas, para saber quantas sílabas constituem uma palavra...partir para algo mais complexo que é uma frase...” (Suj.7) (Suj.8) (Suj.9)

“...eles começam a ter a noção de que se pode partir palavras em sílabas e depois em letras...” (Suj.11)

II.6. Discriminação dos sons

Nesta categoria incluímos todos os exemplos relativos à importância da consciência fonológica na discriminação dos sons.

Exemplo:

“...tomada de conhecimento dos sons para depois poder transcrever e iniciar a escrita.” (Suj.1 e Suj.2)

“...parece-lhes que tem o mesmo som, parece que tem, mas não tem...” (Suj.3)

“...para a escrita ajuda a perceber que há vários sons...eles percebem que a mesma letra tem vários sons...” (Suj.6)”(Suj.8) (Suj.9) (Suj.10) ” (Suj.12)

“...ao nível das rimas...” (Suj.6) (Suj.10)

“...ter consciência do primeiro som da palavra, da primeira letra...” (Suj.7)

“...as crianças vão aprendendo os sons...os sons das palavras...” (Suj.15)

Tema III – Benefícios

No tema benefícios, incluíram-se todas as definições proferidas pelos sujeitos relativamente aos benefícios da consciência fonológica. Neste tema incluíram-se como categorias: desenvolvimento de competências para a aprendizagem da leitura e escrita, desenvolvimento da linguagem oral e prevenção de dificuldades de aprendizagem da leitura e escrita.

III.1. Desenvolvimento de competências para a aprendizagem da leitura e escrita

Nesta categoria incluímos todos os exemplos relativos aos benefícios do desenvolvimento de competências para a aprendizagem da leitura e escrita.

Exemplos:

“...para começarem a ler e a escrever...” (Suj.1)

“Promove o desenvolvimento de competências que vão facilitar a aprendizagem da leitura e da escrita no primeiro ciclo...” (Suj.2)

“...é um caminho positivo para a aquisição do ler...” (Suj.3)

“...ter consciência da consciência fonológica mais facilidade terá na aquisição da leitura...” (Suj.9)

“...aquando da entrada no primeiro ciclo, para a questão da leitura e da escrita...” (Suj.10)

“...apreensão da leitura e da escrita no primeiro ciclo.” (Suj.13)

“...tem a ver com a literacia...aprendizagem da leitura e da escrita.” (Suj.14)

“...para uma aquisição mais facilitada...no primeiro ciclo.” [leitura e escrita] (Suj.15)

III.2. Desenvolvimento da linguagem oral

Nesta categoria incluímos todos os exemplos relativos aos benefícios da consciência fonológica no desenvolvimento da linguagem oral.

Exemplos:

“Ajuda a eles a verbalizarem as palavras...” (Suj.3)

“Começam a falar melhor.” (Suj.4)

...a capacidade que eles têm de brincar com as palavras de uma forma lúdica” (Suj.6)

“...a criança tomar consciência dos sons...saber depois articular bem as sílabas, as palavras com as sílabas...o saber depois falar...o saber expor...” (Suj.7)

“...a tal dita articulação...correção frásica, a constituição e correção frásica...” (Suj.8)

“...brincarem com os sons e com as palavras e terem gosto...por histórias...” (Suj.10)

“...domínio da linguagem...a linguagem serve para comunicar...” (Suj.11)

“...brincar com as palavras e dividir por exemplo por sons...” (Suj.14)

III.3. Prevenção de dificuldades de aprendizagem da leitura e escrita

Nesta categoria incluímos todos os exemplos relativos aos benefícios da aprendizagem da leitura e escrita.

Exemplos:

“...prevenir possíveis dificuldades na aprendizagem da leitura e da escrita.” (Suj.2)

“...desenvolvimento nas outras áreas...ajuda-a no desenvolvimento global...para ela ser mais criativa...” (Suj.14)

“...o ouvir, o saber ouvir e estar...” (Suj.12)

Tema IV - Actividades

No tema actividades, incluíram-se todas as definições proferidas pelos sujeitos relativamente às actividades de consciência fonológica desenvolvidas no jardim de infância. Neste tema incluíram-se como categorias: linguagem oral/vocabulário; rimas,

lengalengas, trava-línguas; canções/música; poemas; histórias; jogos silábicos; reconhecimento letras/palavras; associação imagem/palavra/frase.

IV.1. Linguagem oral/vocabulário

Nesta categoria incluímos todos os exemplos relativos às actividades relacionadas com a linguagem oral/ vocabulário.

Exemplos:

“...estamos a trabalhar um determinado tema, ... eu vou à procura de vários vocábulos...” (Suj.1)

“...desenvolvimento da linguagem oral...comunicação oral...”(Suj.7)

IV.2. Rimas, Lengalengas, Trava-línguas

Nesta categoria incluímos todos os exemplos relativos às rimas, lengalengas e trava-línguas.

Exemplos:

“...rimas...” (Suj.2; Suj.6; Suj.10)

“...esta palavra rima com esta e aquela rima com não sei o quê...” (Suj.5)

“...cada um vai dizendo uma palavra que rime com aquela...” (Suj.14)

“...as lengalengas...” (Suj.2; Suj.4; Suj.7; Suj.8)

“...trava-línguas...” (Suj.4; Suj.7)

IV.3. Canções/música

Nesta categoria incluímos todos os exemplos relativos a canções/ música.

Exemplos:

“...as canções...” (Suj.2; Suj.4; Suj.7; Suj.13)

“...o ritmo e a música...”(Suj.7) (Suj.12)

“...batimentos, ritmo...repetição de ritmos...música...” (Suj.11)

IV.4. Poemas

Nesta categoria incluímos todos os exemplos relativos a poemas.

Exemplos:

“...os poemas...” (Suj.4)

“...poesias...” (Suj.12)

IV.5. Histórias

Nesta categoria incluímos todos os exemplos relativos a histórias.

Exemplo:

“...as histórias...as histórias legendadas” (Suj.2)

“...contam histórias...” (Suj.6; Suj.7)

“...as histórias...”(Suj.7; Suj.10; Suj.15)

“...sequenciar uma história...”(Suj.7)

“...descrever imagens...” (Suj.7)

IV.6. Jogos silábicos

Nesta categoria incluímos todos os exemplos relativos a jogos silábicos.

Exemplo:

“...dividimos em sílabas...” (Suj.1)

“...fazer batimentos de sons que é dividir as palavras por sílabas...” (Suj.2)

“...jogo das sílabas, a separação...silábica...fazem um género de uns tracinhos para poderem dividir...” (Suj.3)

“...divisão silábica...jogos com as palmas para saber quantas palmas damos...” (Suj.4)

“...o silabar...”(Suj.7)

“...o jogo silábico...”(Suj.9)(Suj.13)(Suj.14)

IV.7. Reconhecimentos letras/palavras

Nesta categoria incluímos todos os exemplos relativos a reconhecimento de letras e palavras.

Exemplo:

“...o que é que é a letra... “...o que é a palavra...” (Suj.1) (Suj.2) (Suj.6) (Suj.10)

“...identificar as palavras...pode-se recortar a letra do nome...recortar a palavra utilizando revistas...””(Suj.2)

“...tá tudo normalmente identificado na sala de aula...visionando as palavras acabam por também quererem saber mais... “...saber quantas letrinhas...” (Suj.3)

IV.8. Associação imagem/palavra/frase

Nesta categoria incluímos todos os exemplos relativos a actividades relacionadas com a associação de imagem/palavra/frase.

Exemplo:

“...o cartão com o nome da criança, com um símbolo que a criança depois vai começar a identificar...com os nomes de árvores, animais...mas associado sempre à imagem...” (Suj2)

“...legendar os desenhos...auxílio da caneta...começar a utilizar o computador para copiar as palavras.” (Suj.2)

“...como é que as palavras ao se juntarem...e depois formam frases...” (Suj.6)

CAPITULO III – ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

CAPÍTULO III – ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

3.1. Análise Descritiva dos Temas

A tabela IV permite agrupar a totalidade da informação categorizada a partir do discurso dos sujeitos nos quatro temas identificados.

TABELA IV. Análises dos Temas

Temas	N	%
I – Conceito	22	15,1
II – Importância	58	39,7
III – Benefícios	19	13,01
IV – Actividades	47	32,19
Total	146	100

A análise da tabela IV permitiu-nos verificar que o tema II, Importância, agrupa o maior volume de informação (39,7%) e que o tema III, benefícios, agrupa o menor volume de informação (13,01%).

3.2. Análise do Tema I – Conceito

No tema I, Conceito, foram identificadas quatro categorias de acordo com as verbalizações dos sujeitos. A tabela V permite-nos observar que a maioria das verbalizações dos sujeitos se encontram na categoria 1, *reconhecimento e discriminação de sons*. A categoria, *produção e articulação de sons*, obtém o segundo valor (31,8%). A terceira categoria referida é a divisão silábica com 18,2% das verbalizações.

Assim, tal como foi referido por Cardoso-Martins (1991, cit Lamprecht et al, 2004) a consciência pode ser definida como a capacidade de reflectir sobre os sons da fala, bem como ter consciência dos sons que constituem as palavras que ouvimos e falamos, o que vem de encontro ao que foi referido nas verbalizações dos sujeitos na categoria 1, *reconhecimento e discriminação de sons*. No entanto, na categoria 2, *produção e articulação de sons*, não corresponde à definição do conceito referido nas

referências bibliográficas. Por outro lado, uma percentagem das verbalizações dos sujeitos refere que a consciência fonológica é a divisão silábica, o que não é de todo incorrecto uma vez que a consciência fonológica apresenta três níveis de desenvolvimento, nível da sílaba, das unidades intrassilábicas e o fonémico. O nível da sílaba corresponde à divisão silábica, isto é, a capacidade da criança dividir a palavra em sílabas.

TABELA V. Análise do Tema I – Conceito

Categorias	N	%
1. Reconhecimento e Discriminação de sons	9	40,9
2. Produção e articulação de sons	7	31,8
3. Divisão silábica	4	18,2
4. Expressão oral	2	9,1
Total	22	100

3.3. Análise do Tema II – Importância

A análise da tabela VI permite-nos verificar que 22,4% das verbalizações dos sujeitos considera que a consciência fonológica é importante. As categorias, *aprendizagem da linguagem oral e discriminação de sons*, aparecem com 20,7% das verbalizações dos sujeitos, seguidamente surge a categoria *aprendizagem da leitura e escrita no geral*, que apresenta 15,5% das verbalizações dos sujeitos.

Estes resultados vão de encontra ao que foi referido no capítulo I deste estudo, principalmente no que diz respeito à importância do desenvolvimento da consciência fonológica para a aprendizagem da leitura e escrita (Costa, 2002 cit Lamprecht et al, 2004; Viana, 2002).

TABELA VI. Análise do Tema II – Importância

Categorias	N	%
1- Atitude avaliativa positiva	13	22,4
2- Iniciação precoce	5	8,6
3- Aprendizagem da linguagem oral	12	20,7
4- Aprendizagem da leitura e escrita no geral	9	15,5
5- Divisão silábica	7	12,1
6- Discriminação de sons	12	20,7
Total	58	100

3.4. Análise do Tema III – Benefícios

Da análise da tabela VII verificou-se que a maioria das verbalizações dos sujeitos se encontram na categoria 1 e 2, *desenvolvimento de competências para a aprendizagem da leitura e escrita e desenvolvimento da linguagem oral*, com 42,1%. Por último surge a categoria 3, *prevenção de dificuldades de aprendizagem da leitura e escrita*, sendo 15,8% das verbalizações dos sujeitos.

TABELA VII. Análise do Tema III – Benefícios

Categorias	N	%
1- Desenvolvimento de competências para aprendizagem da leitura e escrita	8	42,1
2- Desenvolvimento da linguagem oral	8	42,1
3- Prevenção de dificuldades de aprendizagem da leitura e escrita	3	15,8
Total	19	100

3.5. Análise do Tema IV – Actividades

Da análise da tabela VIII, pode verificar-se que cerca de 23,40% das verbalizações dos sujeitos consideram que rimas, lengalengas, trava-línguas são actividades adequadas para promover a consciência fonológica, posteriormente surgem as histórias (17,02%) e os jogos silábicos (17,02%) actividades igualmente importantes para o desenvolvimento da consciência fonológica. Por outro lado apenas 2% das verbalizações dos sujeitos consideram que a linguagem oral/vocabulário são actividades adequadas para trabalhar a consciência fonológica no jardim de infância.

De acordo com Pestum (2005) e Craig (2006, cit Pestum, 2010) o jardim de infância é o local adequado para promover actividades de consciência fonológica e posteriormente habilidades de leitura e escrita, por outro lado como actividades sugerem as músicas, poemas, pistas letra-som como actividades para promover a consciência fonológica no jardim de infância, facto que posteriormente poderá facilitar a leitura e o desenvolvimento ortográfico.

TABELA VIII. Análise do Tema IV – Actividades

Categorias	N	%
1- Linguagem oral/vocabulário	2	4,26
2- Rimass, lengalengas, trava-línguas	11	23,40
3- Canções/músicas	7	14,89
4- Poemas	2	4,26
5- Histórias	8	17,02
6- Jogos silábicos	8	17,02
7- Reconhecimento de letras/palavras	6	12,77
8- Associação de imagem/palavra/frase	3	6,38
Total	47	100

CAPITULO IV – CONCLUSÕES

CAPITULO IV – CONCLUSÕES

A investigação sobre as concepções que os educadores de infância têm sobre a importância da aquisição da consciência fonológica no jardim de infância foi o tema do estudo, tendo como objectivos: conhecer o que os educadores de infância sabem sobre a consciência fonológica; se os educadores de infância consideram importante o desenvolvimento da consciência fonológica no jardim de infância para a aquisição da leitura e escrita; saber quais os benefícios de ser trabalhada a consciência fonológica no jardim de infância; saber quais as actividades de consciência fonológica que desenvolvem com as crianças nas suas salas. Para medir estes objectivos utilizou-se uma entrevista individual semi-estruturada.

A entrevista permitiu-nos, por análise de conteúdo, identificar quatro temas: conceito, importância, benefícios e actividades.

Relativamente ao primeiro objectivo, conhecer o que os educadores de infância sabem sobre a consciência fonológica, e ao primeiro tema, foi possível categorizar as verbalizações dos sujeitos em quatro categorias e foi possível verificar que a maioria dos sujeitos refere que a consciência fonológica é o reconhecimento e discriminação de sons e produção e articulação de sons, o que não corresponde propriamente à definição correcta de consciência fonológica, uma vez que o conceito é: a capacidade de reflectir sobre a estrutura fonológica da linguagem oral, isto é, a consciência de que a fala pode ser segmentada em unidades menores e de que estes segmentos podem ser discriminados e manipulados (Rios, 2011).

Relativamente ao segundo objectivo, se os educadores de infância consideram importante o desenvolvimento da consciência fonológica no jardim de infância para a aquisição da leitura e escrita, através da análise de conteúdo foi possível categorizar o tema II, importância, em seis categorias, sendo que a maioria das verbalizações dos sujeitos incidiram no facto da consciência fonológica apresentar uma atitude avaliativa positiva bem como a sua importância para a aprendizagem da linguagem oral e aprendizagem da leitura e escrita no geral. De acordo com estes dados e com a literatura constata-se que, na opinião dos educadores de infância, a consciência fonológica é um preditor para a aprendizagem da leitura e escrita (Martins, 2000).

No que concerne ao terceiro objectivo, saber quais os benefícios de ser trabalhada a consciência fonológica no jardim de infância, conclui-se que a maioria das verbalizações dos sujeitos consideram que os benefícios de se trabalhar a

consciência fonológica contribui para o desenvolvimento de competências para a aprendizagem da leitura e escrita e desenvolvimento da linguagem oral.

Como último objectivo do estudo surge o que pretende saber quais as actividades de consciência fonológica que desenvolvem com as crianças nas suas salas, com este objectivo foi possível identificar quais as actividades de consciência fonológica desenvolvidas pelos entrevistados com os seus alunos no jardim de infância, tendo-se constatado que a maioria das verbalizações dos sujeitos aponta para actividades relacionadas com: rimas, lengalengas, trava-línguas, histórias, jogos silábicos, canções e músicas e reconhecimento de letras/palavras.

Pode-se assim concluir que os educadores de infância não têm muito presente o conceito de consciência fonológica, facto que poderá estar relacionado com a fraca formação que os mesmos possuem na área. No entanto, têm consciência de o quanto a consciência fonológica é importante e beneficia o desenvolvimento da criança, nomeadamente ao nível linguístico, sendo que a consciência fonológica poderá ser um facilitador para a aprendizagem da leitura e escrita.

O presente estudo apresenta algumas limitações, uma vez que, devido à falta de investigação nesta área não foi possível aprofundar muito sobre a importância que a consciência fonológica tem para os educadores de infância no jardim de infância, bem como a falta de estudos sobre a consciência fonológica para o Português Europeu.

CAPITULO V - BIBLIOGRAFIA

CAPÍTULO V – BIBLIOGRAFIA

Adams, M., Foorman, B., Lundberg, L., Beeler, T. (2006). *Consciência Fonológica em crianças Pequenas*. Porto Alegre: Artmed.

Brown, T., Molfese, V., Molfese, P. (2008). Preschool student learning in literacy and mathematics: Impact of teacher experience, qualifications, and beliefs on an at-risk sample. *Journal of Education for Students Placed at Risk*, 13, 106-126.

Cadine, I. e tal (2009). *A aquisição da leitura e da escrita: variáveis preditoras no nível pré-escolar*. Actas do X Congresso Internacional Galego-Português de Psicopedagogia, Braga: Universidade do Minho, consultado em Junho, 15, 2011 disponível em <http://www.educacion.udc.es/grupos/gipdae/congreso/Xcongreso/pdfs/t9/t9c294.pdf>

Carmo, H. e Ferreira, M. (1998). *Metodologias de Investigação – Guião para auto-aprendizagem*. Lisboa: Universidade Aberta.

Cassidy, D. J., & Lawrence, J. M. (2000). Teacher beliefs: The whys behind the how to in child care classrooms. *Journal of Research in Childhood Education*, 14, 193-204 CIERA.

Cavalheiro, L., Santos, M. e Martinez, P. (2010). *Influência da consciência fonológica na aquisição de leitura*. Ver. CEFAC, 12 (6): 1009-1016, consultado em Setembro, 15, 2011 disponível em <http://www.scielo.br/pdf/rcefac/2010nahead/171-09.pdf>

Chevrie-Muller, C., Narbona, J. (2005). *A Linguagem da Criança – aspectos normais e patológicos*. Porto Alegre: Artmed Editora

Freitas, M. e Santos, A. (2001). *Contar (histórias de) sílabas: Descrição e implicações para o Ensino do Português como Língua Materna*. Lisboa: Edições Colibri e Associação de Professores de Português.

Freitas, M. J., Alves, D., Costa, T. (2008). *O Conhecimento da Língua: Desenvolver a Consciência Fonológica*. Lisboa: DGIDC – Ministério da Educação

Fortin, M. (2003). *O Processo de Investigação – da concepção à realização*. Loures: Lusociência.

Hernandez –Vale, I., & Jiménez, J. (2001) Consciencia fonémica y retraso lector: Es el determinante la edad en la eficacia de la intervención?. *Infancia y Aprendizaje*. 24, 379-395.

Herrera, L., & Defior, S. (2005). Una aproximación al procesamiento fonológico de los niños prelectores: Conciencia fonológica, memoria verbal a corto plazo y denominación. *Psykhé*. 14(2), 81-95, consultado em Agosto, 10, 2010, disponível em http://www.scielo.cl/scielo.php?pid=S0718-22282005000200007&script=sci_arttext

Lamprecht, R. et al (2004). *Aquisição Fonológica do Português: Perfil de desenvolvimento e subsídios para terapia*. Porto Alegre: Artmed, 179-192.

Mann, V. (1986). *Phonological awareness: the role of reading experience*. *Cognition* (Lausanne) 24, 1/2, 65-92, consultado em Agosto, 10, 2010, disponível em http://www.haskins.yale.edu/sr/SR085/SR085_01.pdf

Marques, L. (2011). *Concepções e Práticas dos Educadores de Infância sobre o Desenvolvimento da Literacia*. Dissertação de Mestrado.

Martins, M. A. (2000). *Pré-História da Aprendizagem da Leitura*. Lisboa: Instituto Superior de Psicologia Aplicada.

Ministério da Educação. (1997). *Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar*. Lisboa: Departamento da Educação Básica – Ministério da Educação.

Morais, A. (1997). *A relação entre a consciência fonológica e as dificuldades de leitura*. São Paulo: Vetor.

Morais, J., Cary, L., Alegria, J., & Bertelson, P. (1979). *Does awareness of speech as a consequence of phones arise spontaneously?* *Cognition*, 7: 313-313.

Pestum, M. (2005). *Consciência fonológica no início da escolarização e o desempenho ulterior em leitura e escrita: estudo correlacional*. Estudos de Psicologia, 10 (3), pp 407-412, consultado em Maio, 20, 2011 disponível em <http://www.scielo.br/pdf/epsic/v10n3/a09v10n3.pdf>

Pestum, M., Omote, L., Barreto, D., Matsuo, T. (2010). Estimulação da consciência fonológica na educação infantil: prevenção de dificuldades na escrita. Revista Semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional, SP, v. 14, n.º 1, 95-104, consultado em Outubro, 28, 2011 disponível em <http://www.scielo.br/pdf/pee/v14n1/v14n1a11.pdf>

Resende, A. (2009). Desenvolvimento da consciência fonológica em Português. Dissertação de Mestrado, consultado em janeiro, 23, 2012 disponível em <http://repositorio-aberto.up.pt/handle/10216/54982>

Read, C., Zhang, Y., Nie, H., & Ding, B. (1986). The ability to manipulate speech sound depends on knowing alphabetic writing. *Cognition*, 24, 31-44.

Rios, C. (2011). *Programa de Promoção do Desenvolvimento da Consciência Fonológica*. Viseu: PsicoSoma.

Santamaria, V., Leitão, P., & Assencio-Ferreira, V. (2004). *A consciência fonológica no processo de alfabetização*. Revista CEFAC, v.6, n.º 3, 237-241, consultado em Outubro, 15, 2010 disponível em <http://www.cefac.br/revista/revista63/artigo%201.pdf>

Schirmer, C., Fontoura, D., Nunes, M. (2004). *Distúrbios da aquisição da linguagem e da aprendizagem*. Jornal de Pediatria, v. 80, n.º 2 (supl), consultado em Fevereiro, 12, 2012 disponível em <http://www.scielo.br/pdf/%0D/jped/v80n2s0/v80n2Sa11.pdf>

Silva, C. (1997). Consciência fonológica e aprendizagem da leitura: Mais uma versão da velha questão da galinha e do ovo. *Análise Psicológica*, 2 (15), 283-304, consultado em Outubro, 15, 2010 disponível em <http://www.scielo.oces.mctes.pt/pdf/aps/v15n2/v15n2a08.pdf>

Silva, C., Alves Martins, M. & Almeida, L. (2001). A escrita antes da escolarização formal e as suas relações com o desenvolvimento da consciência fonológica. *Psicologia – Teoria, Investigação e Prática*, 1, 5-24.

Silva, A. (2003). *Até à descoberta do princípio alfabético*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

Silva, M. (2007). *Actividades de consciência linguística no Jardim-de-Infância: o quê, como e para quê?*. Cadernos de Estudo n.º 6, pp. 43-52, Escola Superior de Educação Paula Frassinetti, consultado em Junho, 12, 2011, disponível em <http://www.casaleitura.org/portalfbeta/bo/documentos/ot-actividades-consciencia-ling-b.pdf>

Sim-Sim, I. (1997). *Avaliação da linguagem oral: Um contributo para o conhecimento do desenvolvimento linguístico das crianças portuguesas*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

Sim Sim, I. (1998). *Desenvolvimento da Linguagem*. Lisboa: Universidade Aberta.

Sim-Sim, I. (coord.) (2006). *Ler e ensinar a ler*. Porto: Edições Asa. 63-75.

Sim-Sim, I., Silva, A.C., Nunes, C. (2008). *Linguagem e Comunicação no Jardim de Infância*. Lisboa: DGIDC – Ministério da Educação.

Spinillo, A., Mota, M., Correa, J. (2010). *Consciência metalinguística e compreensão de leitura: diferentes facetas de uma relação complexa*. *Revista Educar*, n.º 38, 157-171, consultado em Novembro, 12, 2011 disponível em <http://www.scielo.br/pdf/er/n38/11.pdf>

Spodek, B. & Saracho, O. (1998). *Ensinando Crianças de Três a Oito Anos*. Porto Alegre: Artmed.

Tseng, M.L. & Ivanic, R. (2006). Recognizing complexity in adult literacy research and practice. *Understanding the language classroom*. New York: Palgrave Macmillan.

Viana, F. L. (2002). *Da Linguagem Oral à Leitura – Construção e validação do Teste de Identificação de Competências Linguísticas*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

Wang, J., Elicker, J. McMullen, M. & Mao, S. (2008). Chinese and American preschool teachers' beliefs about early childhood curriculum. *Early Child Development and Care*, 178 (3), 227-249.

ME-DGiDC (2010). Metas de Aprendizagem, <http://www.metasdeaprendizagem.min-edu.pt/educacao-pre-escolar/apresentacao/>

ANEXOS

Guião de Entrevista

Dados Pessoais

Sexo _____

Idade _____

Formação de base (Licenciatura/Bacharelato): _____

Formação Complementar:

_ Complemento de Formação _____

_ Curso de especialização em _____

_ Mestrado em _____

_ Outra _____

Experiência Profissional

Tempo de serviço/ anos de experiência: _____

Instituição de Trabalho

Local: _____

Tipo de Sala: _____

Entrevista

1- Para si o que é a consciência fonológica?

2- Que importância atribui ao trabalho sobre a consciência fonológica no jardim de infância? Porquê?

3- Quais os benefícios de ser trabalhada a consciência fonológica no jardim-de-infância?

4- Parece-lhe que a consciência fonológica poderá ser um pré-requisito para a aquisição da leitura e escrita? Porquê?

5- Que aspectos da consciência fonológica considera importantes trabalhar no jardim-de-infância? Porquê?

6- Que actividades de consciência fonológica podem ser desenvolvidas no Jardim de Infância?

Transcrição entrevistas

Entrevista 1

1. “Para mim a consciência fonológica tem a ver com a tomada de conhecimento por parte da criança no que diz respeito aos sons... se calhar também a divisão silábica de palavras também acho que começa por aí... basicamente é isso.”
2. “É importante, pronto começa logo também nos pequeninos, pronto para começarem a produzir logo correctamente pronto as palavras e para os meninos mais crescidos talvez pronto para a aprendizagem da leitura e da escrita com a tomada de conhecimento dos sons para depois poder transcrever e iniciar a escrita.”
3. “Para iniciarem um primeiro ciclo penso que é muito importante, porque isso é meio caminho andado para começarem a ler a escrever...”
4. “Sim, muito importante porque se eles conhecem bem o som o som...como é que me hei-de explicar...ao pronunciarem o som de determinadas...não me tou a conseguir explicar...ao pronunciarem determinadas sílabas eles a pouco e pouco começam com palavras, eu na Aldeia velha tenho lá uma menina que ela conhece já as letras todas consegue pronunciá-las e ela já está a começar a juntar sílabas, os sons e escrever determinadas palavras.”
5. “Se calhar o conhecer as letrinhas também é muito importante...e isso irá ajuda-los não só na escrita como tenho estado a debater mais mas também na maneira de pronunciarem as palavras correctamente. (E para além dos sons existe mais alguma coisa ou não?), eu no que diz respeito à consciência fonológica trabalho muito as sílabas, a palavra, a palavra, terem consciência, se calhar não diz muito respeito à... dividir a palavra, eles terem consciência que uma palavra se divide em várias sílabas, tem várias letras e que pronto juntando duas letrinhas isso forma algum som, uma sílaba, não me tou a conseguir explicar muito bem...terem consciência que há letras que há sons e que pronto juntando duas forma uma sílaba, que uma palavra é formada por mais que uma sílaba, poderá ser formada por mais de uma sílaba formando isso uma palavra.”
6. “Eu com eles sento-me no tapete em muitas palavras pronto, estamos a trabalhar um determinado tema, por exemplo o corpo humano, pronto, eu vou à procura de vários vocábulos relacionados com o corpo humano por exemplo, dividimos em sílabas, dividimos em sílabas, reconhecemos letras.”

Entrevista 2

1. “Então, é a capacidade que...para identificar os elementos sonoros das letras ou palavras.”
2. “Atribuo-lhe muita, porque é a partir de todo o trabalho direccionado para a consciência fonológica que a criança cria bases para a aprendizagem da leitura...a consciência fonológica desempenha um papel muito importante na aprendizagem da leitura.”
3. “Promove o desenvolvimento de competências que vão facilitar a aprendizagem da leitura e da escrita no primeiro ciclo, isto é um bocadito repetitivo...a consciência fonológica serve também para prevenir possíveis dificuldades na aprendizagem da leitura e da escrita.”
4. “É claro que sim, porque no jardim de infância quando se comunica com a criança ou com o grupo incentiva-se o uso de linguagem, o uso da linguagem para diferentes funções, como seja, descreve-se o fim de semana, contam relatos, festas em família...deve-se sempre tentar não utilizar no jardim de infância uma linguagem simplificada, ou seja, aquele tipo de linguagem infantil do nhanhanha...quando se comunica com a criança...no jardim de infância existem também muitos momentos em que se partilha a leitura e a escrita em todos os trabalhos que fazemos.”
5. “Eu acho que tudo pode ser utilizado em contexto de jardim de infância para ser direccionado para a aquisição destas competências...todos os momentos são bons para o desenvolvimento da consciência fonológica, o mais importante, penso eu, que será a identificação das letras, através do seu som,a identificação da palavra escrita, utilizando sempre a imagem como ajuda e ensinar às crianças e ao grupo a identificar a letra do nome, a palavra, tudo através do som e da imagem.”
6. “Faz-se muitas. Podemos fazer jogos de palavras, identificar as palavras, fazer batimentos de sons que é dividir as palavras por sílabas, pode-se recortar a letra do nome, pode-se recortar a palavra utilizando revistas, temos depois as rimas, as lengalengas, as canções, as histórias e também se pode utilizar muito as histórias legendadas e o mais importante no princípio do ano, penso eu, é o cartão com o nome da criança, com um símbolo que a criança depois vai começar a identificar, um símbolo feito por elas, cartões com nomes de árvores, animais, outros nomes e...mas associado sempre à imagem o que facilita muito... pronto...legendar os desenhos no principio é a educadora para o final do ano já são as crianças que legendam os desenhos e estas legendagens podem ser feitas com o auxilio da caneta mas também podemos começar a utilizar o computador para copiar as palavras.”

Entrevista 3

1. “É a possibilidade que nós temos de entender que o som...de cada palavra tem um significado diferente.”
2. “É uma das primeiras etapas que se...para trabalhar a escrita com as crianças... é sempre através do som, da divisão silábica que fazemos essa abordagem e é um jogo que eles gostam muito...acabamos por trabalhar a escrita e a matemática.”
3. “Ajuda a eles a verbalizarem as palavras, porque as vezes há alguns que ainda têm dificuldade...porque...porque falam à bebé ou porque têm alguma dificuldade na linguagem é uma maneira como dividem as palavras, fazem divisão silábica mais fácil eles conseguem fazer...por isso é tudo um caminho positivo para a aquisição do ler...”
4. “É, completamente...eu acho que já respondi um bocadinho na...(as questões estão um bocadinho interligadas)...exactamente por isso, porque é maneira mais fácil, quanto a mim, de eles conseguirem até verbalizarem porque às vezes quando nós estamos...de eles verbalizarem por exemplo quando são os ditongos, quando estamos a falar do pr, do rr...há realmente ali várias coisas que eles ainda têm alguma dificuldade... é a maneira...através do tal jogo...aliás eles perguntam muito, vamos fazer aquele jogo dos sons...nós usamos muito os batimentos rítmicos...por isso há uma interligação entre várias coisas que estamos a trabalhar ao mesmo tempo.”
5. “Eu penso que através das palavras que eles utilizam diariamente ou uma palavra que surge porque é um tema diferente porque viram na televisão, porque todos têm vários canais de absorção...e...é a maneira, talvez mais fácil...deixe-me ler a pergunta para não me perder...de eles conseguirem às vezes até que a palavra tem...parece-lhes que tem o mesmo som, parece que tem, mas não tem, eu não trabalho ainda com o novo acordo ortográfico de todo eu não sei como o vou fazer, porque vai-nos fazer uma grande confusão, mas penso que será por aqui a única maneira de eu fazer essa abordagem tanto para mim como para eles, pronto...porque apesar de eles serem pequeninos eles já têm esta CONSCIÊNCIA FONOLÓGICA, esta CONSCIÊNCIA FONOLÓGICA já existe a do novo acordo não existe então vai ser muito complicado, mas é através daqui que vai ser possível, mas eu ontem já ouvi dizer numa notícia que aquilo vais ser...vão suspender mesmo...iam fazer um abaixo-assinado para ser suspenso.
6. É exactamente...eu já falei, o jogo das sílabas, a separação das síla...silábica depois fazem um género de uns tracinhos para poderem dividir, saber quantas

letrinhas, que ando a pares cabem em cada tracinho, os conjuntos das letras que se lêem de uma só vez...pronto...eu não faço a escolarização apesar de haver pessoas que acham que devem fazer se têm de fazer a escolarização é dar-lhes só... as bases...e dar a cana de pesca para poderem ir à pesca...pronto...tá tudo normalmente identificado na sala de aula com o nome das coisas e, eles através da visão, visionando as palavras acabam por também quererem saber mais...agora diz-me como é que eu escrevo, quero escrever à minha mãe, como é que eu escrevo para a minha mãe, já têm a perfeita noção que há um código para...um código da escrita que existe para diferentes...

Entrevista 4

1. Para mim...é ter consciência da maneira como se diz os sons como articulam bem os sons, separação silábica se não tem se fazem aquelas do pra em vez de dizerem para...saber diferenciar os sons...
2. E cada vez mais há mais crianças com dificuldades na linguagem...ou porque tão muito tempo com os avós, ou porque não sei porquê, alguns é preguiça outros é mesmo ...aaa...pronto têm mesmo necessidade, cada vez à mais necessidade disso porque ele têm muita dificuldade na linguagem, não articulam bem às vezes é os sss...aaa...pronto...e tenho tido muitos muitos casos, este ano então tenho 5. (E porque é que acha que é importante este trabalho?) porque desenvolve mesmo a linguagem das crianças.
3. Começam a falar melhor...
4. É sem dúvida, sem dúvida que é, (porque é que acha que é um pré-requisito?), porque ao saberem articular bem...aaa...mais facilmente desenvolvem a leitura e escrita, muitas vezes eles escrevem aquilo que dizem daí ser importante.
5. Eles são importantes todos, não é?, e agente desenvolve muitas coisas com as rimas as canções e essas coisas todas...aaa...mas são todos, são todos importantes, (e porque é que acha que são importantes?) porque desenvolve mesmo a aquisição da linguagem, isso tão relacionadas umas com as outras (risos).

6. Lá está, as canções, os poemas, lengalengas, trava-línguas...aaa...não sei se me falhou alguma, poemas, já disse? ...aaa...sei lá...acho que já os disse quase todos...os que faço...(se calhar já disse alguns)...são os que trabalho mais em contexto de sala, às vezes os jogos com sons, (sons do dia a dia?) é, eu trabalho sempre com música e os jogos que nós fazemos é mesmo com divisão silábica, às vezes fazemos jogos com as palmas para saber quantas palmas damos, (para eles saberem quantas sílabas têm?), pronto fazemos esse tipo de jogos que eles gostam muito, o adivinhar os animais, metemos o som e eles têm que adivinhar...aaa...pronto, é a base disso.

Entrevista 5

1. É pá essa coisa aí...o que é que eu penso que é a consciência fonológica...eu penso que que desenvolve essencialmente a oralidade, aumenta também o vocabulário dos miúdos porque nós procuramos palavras ou vamos à net ou através de um texto de uma história...aaa...e acabamos por seleccionar determinadas palavras que eles não conheciam e passam a conhecer...aaa...e o que eu à pouco já tinha dito que desenvolve muito a linguagem.

2. Eu acho que é fundamental, porque além de...aaa...porque até aqueles miúdos que têm mais dificuldade ao nível da linguagem eles melhoram também eles melhoram muito mais a sua linguagem, depois trabalhamos as rimas, os sons...aaa...quantas sílabas tem uma palavra...aaa...a formação que tive sobre isso foi curta...(se calhar antigamente não se trabalhava tanto isto e agora já...)sim sim.

3. Eu já respondi a isso, tou sempre a dizer a mesma coisa, eu acho que isso deve ser trabalhado todos os dias ou quase todos os dias e há a oportunidade de fazer isso, porque...aaa...geralmente todos os dias se desenvolve a oralidade porque todos os dias há momentos de comunicação e de expressão...aaa...e portanto todos os dias isso se faz, ou pelo menos deveria fazer-se.

4. Sem dúvida nenhuma que é, (porque é que acha que é um pré-requisito?), é um pré-requisito porque se eles no jardim de infância já trabalharem e desenvolverem a consciência fonológica eles quando chegam ao primeiro ano vão certamente ouvir falar disso...aaa...e já têm umas bases, isso já não é novo...aaa...porque quando comecei a trabalhar a CONSCIÊNCIA FONOLÓGICA na sala eles ficavam assim um

bocadito atrapalhados e eu é que os tinha que ajudar, agora neste momento, já não precisam de ajuda, eles já não precisam de ajuda, (eles gostam muito de trabalhar), é verdade eles gostam muito de trabalhar.

5. Os aspectos, mas para mim a CONSCIÊNCIA FONOLÓGICA é o desenvolvimento da oralidade, (sim, também é, mas quais os aspectos? o que é que faz), já te disse que era isso, não levo palavras nenhuma pré-estabelecidas para isso, eu gosto...aaa...eles gostam muito de ouvir, contar ou ler histórias, lengalengas, poesia, adivinhas e aí agente procura palavras que têm o mesmo som, quantas sílabas têm, esta ou outra palavra até o vocabulário, o que é que esta palavra quer dizer? Aprendemos mais uma palavra nova, tou-me a lembrar agora de cardume, por exemplo, sei que com essa palavra eles não sabiam o que era, porque contei uma história sobre os peixes, é uma história lindíssima...aaa...que eu queria contar, quando estou a dizer isto não interessa nada para aí...e eles adoraram, mas houve um que conseguiu saber o que era um cardume, e depois a partir daí vamos trabalhando a CONSCIÊNCIA FONOLÓGICA.

6. Eu acho que se pode desenvolver em tudo, eu acho que se pode desenvolver em tudo, mas eu principalmente naquele momento da comunicação em que trabalhamos a leitura a escrita, é mais nesse momento que nós fazemos isso...(hum, muito bem)...porque é mais nesse momento porque às vezes até se eu não falar nisso são eles próprios que falam e digo assim, olha lá educadora e olha esta palavra rima com esta e aquela rima com não sei o quê, olha e vê-la começa no mesmo som e termina no mesmo som já são eles que dizem e acho que isso é ótimo, tenho lá meninos que são bons e tenho um que tem um vocabulário muito bom, eu acho isso é tudo fruto...e estes já vão para a escola...mas eu fico muito contente porque tenho lá um menino que tem um vocabulário muito bom, um vocabulário muito alargado e muito bom e acho que a CONSCIÊNCIA FONOLÓGICA contribui muito para que isso aconteça.

Entrevista 6

1. “É tudo o que tem a ver com o trabalho que se faz e que tem a ver com tudo o que emanda da palavra do som da palavra do som das letras dos sons daa....da nossa fala.”
2. “Atribuo uma importância enorme...aaa...e é engraçado porque comecei e essa experiência foi feita comecei a fazer essa experiência há alguns anos. Atribuo uma importância enorme ...aaa... e trabalho-a diariamente, diariamente trabalho um pouquinho...aaa...diariamente diariamente às vezes há aqui umas nuances, mas trabalho um pouquinho...ahh...sempre todos os dias e a propósito ou da história ou de um som que apareça, mas normalmente é a propósito de uma história ou de uma canção que se cantou...e...o que é que tu disseste?...(qual é a importância que atribui ao trabalho e porquê? O trabalho desenvolvido sobre a consciência fonológica no jardim de infância e porquê?)... e trabalho um bocadinho, ah, e noto que os miúdos têm uma fluência e uma rapidez ao nível da expressão com a palavra muito maior do que aqueles grupos onde eu não tratava a consciência fonológica.”
3. “Ahhh...eu tou-te a responder a isto tudo torto, eu não tou-te a responder bem...anda lá aqui ao três...(repeti a pergunta)...é muito próximo à quatro...(não à 2)...ou à dois (é muito semelhante)...ahhh bom...Olha os benefícios é mesmo a capacidade que eles têm de brincar com as palavras de uma forma lúdica e...em contexto e mesmo contextualizada eles fazem rimas com facilidade, eles identificam a palavra diferente, eles muitas vezes estamos a contar uma história e já estão a dizer ai essa palavra nova e já sabemos que essa palavra nova vai para o trabalho da consciência fonológica portanto vamos partir a palavra, portanto já sabemos que aquela palavra tem não sei quantas sílabas, já sabemos que aquela palavra é complicada que como eles dizem é complicado porque é grande, se é grande se é pequena, se se diz com um som se produz um som ou se produz outro se rimou...aaa...é basicamente...eles conseguem fazer muitas distinções já entre o som das palavras.”
4. “Ahh...sim ...da leitura com certeza porque os sons ajudam a eles depois perceberem o som do ssss, do “ef”, e se fossemos a escrever não era ef, nós escrevemos f e então nós depois na consciência fonológica brincamos com o som f, do gato, o k, como é que se pronuncia começamos também por até essas partes, como se pronuncia, como é o som que ouvimos, há o “á” e o “a”, portanto as diferenças, portanto isto logo para a escrita ajuda, logo para a escrita ajuda a perceber que há vários sons e se nós escrevermos porque depois nós também escrevemos as coisas eles percebem que a mesma letra tem vários sons e portanto se lá estiver um

risquinho em cima tem um som mas também há outras formas de aquele “a” ser aberto e não ter risquinho portanto, embora pareça confuso as crianças conseguem apanhar mais facilmente o som do alfabeto mas de uma maneira que os ajuda o f, o k, o b, e a pronunciar até, para além da fala a escrita realmente eu acho que beneficia e elas às vezes estão a brincar ao faz de conta que estão a escrever e tão a dizer, eu sou a médica e vou-te passar uma receita, uma rreceita e acentuam e é engraçado como elas a brincar nós tamos a perceber onde há pequeninos pontos toque, isto na escrita, na leitura eu acho que na leitura até é uma valência enorme, porque...aaa...eles conseguem ...aaa...se ao escrever já escrevem depois bem porque o som penso que lhe fazem a correcção da escrita e da leitura automático pelo som e vai ser mais fácil para os miúdos que trabalharam a consciência fonológica darem menos erros possivelmente, adquirirem mais facilmente e perceberem mais facilmente o som e escreverem melhor e por sua vez também lerem melhor e, se lerem e se conseguirem ler bem vão conseguir com certeza dar menos erros também na escrita portanto isso é uma coisa que não está separada, está muito interligado.”

5. “Estão todos muito parecidos. É assim...aaa...os aspectos que eu acho mais importantes trabalhar realmente é ao nível do som, do som das palavras, os aspectos que eu acho importante trabalhar é destreza que eles, faze-los adquirir uma certa destreza com essa capacidade de jogar os sons, fazer as rimas...aaa...fazer...aaa...sei lá, fazer rimas e sobretudo palavras com o mesmo som no inicio, no fim, o meio confesso que às vezes é um bocadinho difícil, é muito difícil, mas por isso eu jogo muito com eles as pontas, no inicio e no fim...aaa... e eles eles têm, fazem um trabalho ao nível do cognitivo extremamente importante de rebuscar lá as palavrinhas todas que conhecem no seu quotidiano, nas histórias, nanana...essas palavras portanto eu acho muito importante porque consciência fonológica realmente desenvolve-os ao nível da destreza da linguagem mas de uma maneira muito precisa, muito pensada não é uma coisa solta, não é desgarrada, vai tendo uma evolução, ao nível das rimas, como lhe disse, ao nível dos sons finais e iniciais, ao nível da palavra de fazermos a de partirmos as sílabas e percebermos, ou fazemos no braço ou fazemos com palminhas...ba-ta-ta pronto e de percebermos que pão não é pã-o, há coisas que pronto, aqui é mais difícil às vezes explicar de eles perceberem e depois isto torna-se um jogo que eles próprios acabam por fazer com os nomes, como me-sa, e tão brincar com isto...aaa...é importante...sempre este tipo de trabalho, a destreza cognitiva adjunta À capacidade rápida de pensar e dizer e rebuscar aqui no arquivo, eu pessoalmente é o que eu mais valorizo.”

6. “Era isso que eu te estava a dizer, é as rimas, é silabar, é o que começa no principio e começa no fim...aaa...as palavras maiores as palavras mais pequenas, como é que se compõem, como é que...e depois vai-se evoluindo e os mais velhos vão percebendo isto o que é a palavra, o que é que é a letra, como é que as palavra ao se juntarem se formam letras e depois formam frases, contam histórias, e depois vamos por aí depende da criatividade do grupo, fazem com que nós falemos isto obedece realmente a eles perceberem que a fala não é uma coisa, é normal, mas é muito mais complicada e corrigirem-se, falarem cada vez melhor, deixarem os foremos para ... não é?...é um regionalismo daqui para conseguirem dizer bem as palavras...aaa...e fazerem um processo também de correcção e autocorrecção no próprio discurso da criança, esse tipo de trabalho é mais ou menos o que eu faço.”

Entrevista 7

1. “Vou dizer aquilo que eu acho...(sim sim é isso mesmo, pronto o que interessa é isso)...é a criança que quando, portanto, ouve quando estamos a falar com ela, contar uma história qualquer situação de oralidade, não é? ...(sim)...a criança perceber-se dos sons que ouve...portanto saber ouvir...portanto ouvir os sons, discriminar bem os sons na palavra, por isso o educador, que às vezes não acontece, deverá ter uma linguagem...com discriminação de sons, fluente às vezes não acontece...e a criança ao longo de todo o processo de aprendizagem a criança vai captando os sons na linguagem com os outros com as outras crianças e sobretudo com os adultos, com a educadora com a auxiliar, eu acho que essa interligação essa consciência que a criança vai tomando dos sons que ouve, na sua linguagem nas palavras pronto na oralidade, se isso não for se isso for entre aspas de boa qualidade a criança irá assimilar tudo o que é palavras, sons com mais correcção.”

2. “Portanto esse trabalho é um trabalho que está ligado Às orientações curriculares...(humhum)...na área da expressão e comunicação onde temos a linguagem oral e abordagem à escrita...(sim)...é importante trabalhar aliás é obrigatório trabalhar essa área...aaaa...o porquê...porque isso depois vai ter repercussões na criança pela vida fora, quando vai para o primeiro ciclo pronto por aí fora, portanto para mim já é um...já é o trabalho inicial portanto que ela tem para adquirir e que irá reter repercussões pelos outros ciclo de ensino e é obrigatório no pré-escolar precisamente porque temos de respeitar e trabalhar as orientações curriculares.”

3. “Os benefícios serão sempre para as crianças, não é?...(sim)...(quais é que são?)...a criança tomar consciência dos sons...aaa...saber depois articular bem as sílabas, as palavras com as sílabas, que nós fazemos esse trabalho e eles gostam muito...aaa...o saber depois falar portanto connosco e com os outros o saber falar o saber expor o saber construir as frases portanto o campo é global o campo é grande é vasto, sou capaz de me estar então a esquecer de algumas coisas, mas isto é o que eu acho...e na escrita desculpe...”

4. “Sim sim, completamente eles estão interligados, a criança que sabe pronunciar dizer bem uma palavra, articular bem e...percebendo bem os sons que ela tem, as sílabas e é lógico que quando chegar à parte escrita...mais talvez...no pré eles já escrevem o nome já gostam de fazer algumas palavras, mas essa parte será mais para o primeiro ano do primeiro ciclo, se a criança conhece bem a palavra e portanto fala bem e a diz bem...é lógico que vai escrevê-la acho eu bem, agora se tá já a pronunciar mal a palavra há sons que lhe escapam portanto na parte escrita acho que poderão então esses sons escapar-lhe e não conseguir escrever, se fala bem para mim geralmente acho que deve escrever bem...(ok)...e até é um trabalho que se faz...nós já temos feito o trabalho do seguinte: ter consciência do primeiro som da palavra, da primeira letra, e a criança e agente faz com ela esses jogos e eles sabem eles percebem rapidamente, gostam muito de silabar com as palminhas, há montes de estratégias que nós podemos usar, montes montes, por exemplo nas lengalengas...aaa...trava-línguas, poesias portanto, o repetir o repetir por exemplo...aaa...trava-língua ou lengalenga que eles gostam muito...aaa...o repetir a cantar ou a chorar ou assim, com essas expressões sei lá há um campo vasto de agente trabalhar as coisas portanto agora não vem assim à memória todas as estratégias “imaginárias, umas agente sabe outras já já, deixa lá ir ver, há aqui várias estratégias.

5. “Portanto assim mesmo, os sons iniciais da palavra, as sílabas, saber articular, portanto saber silabar, dizer a palavra mais calmamente para conseguir portanto ir às sílabas todas, para reconhecimento da os sons, o não comer palavras essa consciência para mim é a principal, o saber expor, mas isso vai um bocadinho à medida que vão sendo mais velhinhos, a linguagem de três anos não é igual à de quatro nem à de cinco, mas também depende das experiências que têm em casa, o meio envolvente, na família na escola e também sobretudo na família se não há seguimento na família perde-se muito, agora se são aqueles pais que falam muito com a criança, contam histórias, fazem perguntas da história, que investem nessa parte...aaaa...portanto eu na minha sala vejo casos de crianças que não têm esse

acompanhamento em casa eee vejo crianças que têm há uma diferença enorme, a criança que tem esse acompanhamento...aaa...fala fluentemente, explica as coisas, portanto, é completamente diferente, tem um vocabulário muito mais alargado a nível de vocabulário, interpretação de vocabulário, saber o porquê das coisas, quer dizer, eu acho que o campo é enorme, é muito vasto, trabalhar directamente no jardim, tamos a trabalhar constantemente, é um trabalho transversal a todas as áreas,pois não é só naquela área, é assim nós temos aquelas orientações com aqueles domínios e áreas, áreas com domínios, mas depois isto está tudo interligado, pronto por isso é que às vezes é-nos difícil estar a separar, portanto há sempre separação, não é, entre as áreas, mas depois há montes de coisas que são transversais, a realidade é transversal, eu tou a falar com a criança sempre em qualquer área (pode tar a trabalhar a matemática como pode tar aaa...) com certeza...eeee...pronto é isso que eu acho, é esses aspectos de conhecer bem os sons da primeira palavra para começar a...aaa...portanto...aaa...fazer a... ai eu como é que se diz...começar a falar a palavra, portanto começar a dizer a palavra, se a criança não apanha os primeiros sons da palavra, da primeira sílaba, da primeira letra (mais dificilmente...)também eles trocam às vezes, realmente, também eles trocam aquelas letras que são normais do desenvolvimento deles, mas eu acho que é importante tomar consciência que os mais velhos este ano já faziam, vamos lá ver qual é a primeira palavra, a primeira letra, qual é o som dela? e eles fazem logo facilmente com aqueles joguinhos que nós fazemos, pronto e o silabar, tomar consciência, pronunciar bem a palavra, falar e o tentar falar correctamente com eles, mais calma, de uma forma mais calma, não tanto à pressa, mas agente também comete alguns erros, isso não é perfeito, o processo nunca é perfeito”.

6. “São estes que eu disse, acho eu, são a tomada de consciência dos sons das primeiras letras, da da, o silabar,o saber silabar, ai sei lá, acho que me estou a esquecer de várias coisas, *(não, mas por exemplo que actividades é que faz com eles)*...lá está as histórias, as lengalengas, os trava-línguas, para mim os trava-línguas às vezes tornam-se muito difíceis deles fazerem, de fazer com eles *(sim um bocadinho, só para os mais velhinhos)* há montes de coisas para...aaa...desenvolvimento da linguagem oral...aaa...comunicação oral, há montes de coisas, há montes de estratégias, portanto, há uma colega minha que tem formação nessa área, já nos deu algumas, mas nós temos mesmo de recolher todo o material e trabalhar com ele porque é vasto, há varias formas de trabalhar, por exemplo a comunicação oral que está tudo interligado (sem dúvida alguma), e ela realmente tem exercícios muito giros onde nos tem passado algumas estratégias, mas

assim agora de relance...(já me disse algumas)...já mas eu sei que me faltam muitas, só que agora não me lembro, não me lembro porque...até podia ter dado uma vistazinha, não digo tudo mas algumas coisinhas mais giras que se fazem...(mas faz)...a comunicação oral, sei lá, descrever imagens, por uma história por...sequenciar uma história, analisar as imagens da história e fazer...aaa...como é que eu hei-de dizer, contar a história com...com sequência, até pode ser uma história criada pela criança, eu li a minha história, ouvi uma história ou não, não interessa e quero contar a minha história ou o que eu fiz no meu desenho, eu acho que isso tudo são produções que vão todas enriquecer a consciência fonológica...aaa...pronto eu tenho lá um jogo, por exemplo, são uns cartõezinhos com imagens que têm de pôr por ordem, tem uma sequência de uma história que têm de pôr por ordem...aaa...e a criança depois tem de descrever a história, na parte da história, e uma sequência com lógica do prosseguimento da história, com principio, meio e fim...aaa...como pode tar a analisar uma imagem de uma cartão uma imagem de um livro sem ter nada a ver claro, dentro destas...(o que me está a dizer é que qualquer)...qualquer descrição de imagem, reflectindo e aprofundando a imagem, discriminando a imagem e toda essa parte, para mim toda a parte de oralidade...consciência fonológica, acho que está tudo interligado com a comunicação oral (qualquer coisa se pode aproveitar para trabalhar a consciência fonológica), a consciência fonológica é mais...aaa...quer dizer, não é assim no geral, não é? é mais restrito aquela a essa parte (sim, mas de qualquer forma, consegue em tudo consegue...), as eu acho que às vezes há interligação, nós trabalhávamos sempre, aliás na formação que tivemos e há muitos anos a parte da expressão dramática que pronto também trabalhamos e podemos aproveitar uma história que ouvimos e dramatizá-la há aquelas muito giras que repete, aquela era uma vez um cuco que não gostava de couves salvo erro...pronto, é aquele género de histórias que eles sempre gostam, começa e vai andando, mas vai sempre buscar um pontinho e isso é o que eles gostam mais, por exemplo gostam muito de uma canção que tenha na sua letra que descreva uma história, eles cantam...mas tão a adorar aquilo e gostam de repetir aquilo, não é uma canção assim por...(por ser)...as crianças, lá está, a parte da orali...de escrita nas canções toca-as muito, claro que o ritmo e a música também, mas se for uma história com uma canção que a letra descreva uma história isso para eles ou então aquela repetitiva, seja uma lengalenga, seja trava-língua, seja histórias vai sempre buscar...eu tenho lá uma que é de uma vaca, não o cast...a velha ferunfun...o castelo da velha ferun...a velha ferunfunfelha...acho que é essa, eles adoram isso, isso vai sempre buscar as personagens anteriores e a repetir sempre a mesma coisa e depois tem um desfecho

imprevisível, tem um desfecho que geralmente ninguém está à espera porque causa muita admiração, porque eles tavam à espera de uma lógica que não tem, é um desfecho completamente ao contrário.”

Entrevista 8

1. “A consciência fonológica é a capacidade que a criança tem de ir adquirindo sons, construir frases...aaa...ou seja o vocabulário que vai apresentando em cada fase do seu crescimento.”

2. “É muito importante porque a criança no jardim de infância dia a dia vai construindo essa consciência fonológica, essa capacidade de dizer as frases, construir a fra...dizer as palavras para construir as frases até ir conseguindo um vocabulário mais elaborado, nota-se perfeitamente quando uma criança entra no jardim com uma linguagem muito abebezada e ao fim do período já se nota a evolução que já consegue dizer aquela ou a outra palavra correctamente assim como alguns conseguem já construir as frases com o complemento, o verbo tudo correctamente...aaa...portanto nota-se a evolução que a criança vai tendo, o jardim acho que é uma... (mais valia)...mais valia, aliás é um trabalho que faz parte do jardim de infância.”

3. “Muitos (risos)...(quais?)...a tal dita articulação, a tal dita correcção frásica, a constituição e a correcção frásica, o vocabulário aumentado, a criança conseguir já fazer perguntas e questionar de uma certa forma que não o conseguia anteriormente, tudo isso são progressos e é um trabalho que é feito no jardim de infância.”

4. “Claro, claro que sim, porque tendencialmente a criança ao entrar no primeiro ciclo vai escrever ou aprender a escrever conforme fala, se essa consciência fonológica for bem conseguida anteriormente a criança irá capacitada para o primeiro ciclo para escrever correctamente, falar e escrever correctamente.”

5. “É assim eu não sei se serão os mais importantes, eu pessoalmente gosto muito de fazer jogos de sons e palavras...aaa...a divisão silábica, trabalho muito à volta disso, não sei se serão os mais importantes e os mais correctos, mas eu pessoalmente para mim considero que esses são serão os mais importantes, porque tem a ver com a forma como a criança fala e posteriormente como ela irá escrever.”

6. “Muitas, muitas...é assim há jogos próprios, jogos didácticos já próprios para isso, mas eu gosto muito de fazer palavrinhas, jogos de palavras, construção de palavras que eu própria faço de acordo com a actividade que estiver a desenvolver ou o tema, pego nesse tema ou na situação real e tiro uma palavra, tiro outra, ainda este ano fiz um um, não sei se a Mónica viu, um cartaz grande com várias formas de

escrita feitas lengalenga, porque acho que é importante e é assim brincando eles vão adquirindo essa consciência indirectamente porque estão a brincar mas estão a aprender ao mesmo tempo.”

Entrevista 9

1. “Aaa...para mim o que é consciência fono...é trabalhar os sons as palavras, nomeadamente com o grupo trabalho a divisão silábica e explorar os sons abertos e os sons fechados, nomeadamente com as vogais e as consoantes, é o trabalho básico que faço, com aquele grupo que normalmente vai para o primeiro ciclo já se trabalha mais com o som da palavra completa, dando as primeiras com...nomeadamente começo com duas sílabas, frases, palavras com duas sílabas e, pronto mediante o trabalho que o grupo consiga desenvolver parte-se para palavras mais complexas.”

2. “Eu atribuo uma importância muito grande, provavelmente, aliás como todas as outras áreas os outros domínios trabalhados porque para poder-se saber ouvir tem que se perceber o que se ouve e daí poder articular melhor e perceber onde se erra quando não se consegue falar, é essa a importância que eu dou.”

3. “Eu acho que beneficiam, beneficio muito bom porque uma criança que consegue perceber, ter consciência da CONSCIÊNCIA FONOLÓGICA mais facilidade terá na aquisição da leitura quando vai para o primeiro ciclo e lá está com o treino e com o juntar as sílabas e juntar as palavras numa frase e entender o que é um uma palavra se não um substantivo e depois perceber qual é a palavra que é um verbo que dá a acção, é a diferença.”

4. “Parece-me que sim...(porquê?)...porque cada vez mais nós temos crianças com dificuldades de articulação e que vêm de casa com vícios e entre aspas de palavras bebés, agente chama palavras bebés porque a própria família entende tudo o que lhes é dito, mas não sabe que é importante corrigir e é importante para que se faça um despiste do que é que é uma palavra bebé e do que é que é uma dificuldade que a criança tem na concepção da sua linguagem e da...atribuir um som à palavra e à ao objecto ou à imagem a que se quer referir.”

5. “Aqueles que eu trabalho (risos)...(porquê?)...pronto, por tudo o que eu disse, para saber falar, para saber ouvir, para saber compreender, e ...os aspectos parte-se do básico, do som, das sílabas, para saber quantas sílabas constituem uma palavra...aaa...para depois partir para algo mais complexo que é uma frase e, o pedir água, posso beber água e não só dizer água, acho que é tudo o mais importante.”

6. “Olhe eu criei um jogo o ano passado num jardim de infância onde estive na Sertã porque tinha um grupo de sete meninos eeee não era uma questão de terem linguagens abebezadas era porque...aaa...era difícil para algumas crianças perceberem até que ponto é que como é que se formava uma palavra ou o que era uma letra, ou o que era uma sílaba e então eu criei uma um jogo que é aprende com as letras e, cada, eram com molas de da roupa, tínhamos, cada mola tinha uma letra e depois tinham uma imagem, tinha uma palavra, representante da imagem e cada um tinha que, com as molas conseguir construir a letra é isso a palavra completa e depois agrupavam cada pala...cada duas molas ou cada três molas de maneira a constituir as sílabas que cada palavra tinham, criei esse jogo...aaa...foi mais fácil no concreto de eles perceberem, conseguirem manipular uma mola para um lado uma mola para o outro, com letra tira letra e põe letra do que passar de um exemplo escrito, uma ficha vá, numa folha e eles estarem a ver que um p e um a mais um t e um a fazia pata, então eles perceberam que o p era uma letra e o p e o a já era uma sílaba, foi mais fácil, esse tipo de jogos que nós passamos de um exemplo escrito para um exemplo mais manipulativo de um jogo e foi um bocadinho mais fácil, este ano também exploraram o grupo dos meus meninos mais velhos, claro que para eles foi mais fácil, o contexto social é diferente, embora os miúdos mais crescidos fizeram e com grande interesse, os mais pequenos também tiveram a explorar, tiveram a explorar e que eu faço e fizemos o jogo silábico várias vezes e então eles aí perceberam que era um p e um a, um p um t e um a e essas coisas todas, porque a nível de vogais e consoantes este grupo mostrou ainda alguma confusão, perceber o que era as vogais o que eram as consoantes, porque são todas letras mas perceberam assim fazer alguma confusão, quando trouxe o jogo então eles conseguiram perceber, perceberam melhor.”

Entrevista 10

1. “Aaaa...é a capacidade de ouvirmos sons, de reproduzirmos esses mesmos sons podemos ir encontro de sons semelhantes...aaa...ou não, mas em princípio será ir ao encontro de sons de sons semelhantes conseguindo reconhecer os sons.”

2. “É importantíssimo porque...(repeti a pergunta...)...aaa...é importante para todas as idades e ainda por cima trabalhando com um grupo heterogéneo eles todos absorvem o que se fala para uns, mesmo que seja mais específico, actividades mais concretas todos todos ouvem...aaa...e ao nível da consciência fonológica é também importante eles para já terem a consciência da letra, da palavra, da frase, e depois

reconhecerem que há palavras com sons semelhantes...aaa...podem ser o som inicial ou o som final da da palavra e conseguem brincar com isso.”

3. “Aaa...é assim tem um benefício enorme aquando da entrada no primeiro ciclo, pra questão da leitura e da da escrita e depois também para eles brincarem brincarem com os sons e com as palavras e terem gosto também por histórias, o que ajuda bastante.”

4. “É com certeza porque eles ao...ao reconhecerem...umumum...uma palavra ou uma letra e as palavras que es...que as letras que compõem essa palavra conseguem partir para outras novas palavras e descobertas.”

5. “Eu acho que é mais ao nível da brincadeira...aaa...por exemplo, eu na minha sala trabalho muito a questão das rimas e eles por vezes com o tal brincar de arranjarmos palavras que rimem conseguem chegar a outras palavras, isso acontece, acontece com pronto com alguma frequência. (Porque é que acha que isto é importante?)...eu acho que é importante também para eles terem consciência da língua e que nós funcionamos através de, normalmente de palavras para situações normais, não é, do discurso oral e do discurso escrito depois também, depois também tem a ver com a parte escrita com a parte gráfica, mas tem muito a ver com o oral porque nós utilizamos a linguagem oral para tudo.”

6. “É assim eu trabalho muito as histórias, e depois exploro muito as histórias e muitas vezes utilizo certas palavras pra...aaa...pra fazer outras actividades, como por exemplo criar rimas...aaa...como por exemplo, eu agora posso falar como foi de trabalhar a as vogais, eles tinham que procurar...aaa...e eu até pedi isso em termos de trabalho de casa, em contexto familiar, procurar palavras que comessem por aquela letra e depois partindo partindo deste trabalho conseguimos fazer outros trabalhos porque eles foram eles trouxeram aquelas palavras e entretanto já íamos noutras letras mais mais...começamos na letra a obviamente e tivemos a trabalhar as vogais já íamos no o e no u e eles depois começaram a perceber o mecanismo e iam buscar...ainda tive aqui à pouco tempo uns que disseram que foi buscar outra palavra da letra a, olha esta é da letra a, depois eles foram ganhando, percebendo como é que as coisas funcionavam eeee isso foi ganhando um gosto, também, eu acho que isso é importante... (há mais alguma actividade?)...aaa...(para além do jogo dos sons iniciais, das rimas)...assim de momento não me estou assim a recordar mas eu acho que tá é assim, tá tão presente em tudo que por vezes até temos dificuldade...(inconscientemente)...e temos dificuldade em identificar depois mais tarde, talvez daqui a um bocadinho.”

Entrevista 11

1. “Para mim a consciência fonológica é a consciência dos sons que as crianças utilizam, portanto a linguagem é constituída por sons é formada por sons e é a tomada de consciência dessa formação de sons para chegar às palavras e é a consciência fonológica, acho que é o a maneira mais simples de explicar.”
2. “Bem é importante porque primeiro que tudo dá-nos aaa...o domínio da da comunicação, à medida que vão tendo consciência que emitem sons também se consciencializam que isso faz parte, é assim que se comunica, que é uma base essencial da socialização.”
3. “Além de lhes dar o domínio da linguagem, dá-lhes a consciência que é assim que se utiliza, a linguagem serve para comunicar, tem fins sociais e é importante na medida em que é tendo consciência que se utiliza melhor.”
4. “Completamente, pois se partimos do nada para sílabas, eles sabem o que são sílabas sabem partir as palavras em sílabas e sabem contar as sílabas, portanto isso é o que eu faço com desde os...mais recentemente assim praí à dois anos que trabalho mais afinadamente assim a consciência fonológica ...e...já me perdi, que já não sei o que estava a responder...(Se acha que consciência fonológica poderá ser um pré-requisito para a aquisição da leitura e escrita?)...claro que é porque se entendermos que as palavras são utilizadas na aprendizagem da social, não é?, eles começam a ter a noção de que se pode partir palavras em sílabas e depois em letras, portanto começando numa base global, num concreto para um abstracto mais partido, acho que é importante e faço isso com os e faço esse trabalho com as minhas crianças, podemos, batemos fazemos batimentos, portanto quantas vezes batemos...aaa...trocamos...aaa.fazemos assim jogos engraçados, se eu tirasse de boca o ca como é que ficava, ficava só bo, se eu tirasse a primeira parte ficava ca, portanto assim esse tipo de jogos e formando outras palavras, é assim que basicamente trabalhamos isto.”
5. “Quais os aspectos? (Sim, não as actividades mas os aspectos, o que é que trabalha da consciência fonológica, já me referiu alguns)...o que é que eu trabalho...não tou a perceber...o que é que eu trabalho da consciência fonológica ...é isto que eu disse...as palavras, as sílabas, as letras, trabalhamos basicamente, por exemplo, muitas vezes até a parte de de escrita, por exemplo, temos aqui duas crianças uma é Guilherme e a outra é Guiomar, portanto as três primeiras letras, a primeira sílaba começa da mesma maneira, portanto o que é que nós trabalhamos,

trabalhamos estas noções até depois, partimos disto para mais, igual, diferente outro tipo de actividades ligadas à consciência fonológica.”

6. “Actividades, jogos assim geralmente é, até de manhã que fazemos as actividades desse género depois temos de tudo, temos um livro de actividades de língua portuguesa que também trabalhamos a parte escrita e fonética, actividades variadíssimas, jogos concretos, mesmo jogos...aaaa...de suporte, de madeira, temos ali uns poucos, não sei assim actividades...batimentos, ritmos, fazem muito isso mesmo repetição de ritmos, na musica também utilizamos...aaa...essa esse tipo de jogos, eu acho que fazemos tanta coisa que até é difícil dizer, são transversais, nós trabalhamos áreas muito transversais e não há um período em que dizemos, agora vamos fazer...o trabalho, da área da fonética (vocês fazem um trabalho muito variado)...porque estamos a trabalhar e estamos a introduzir outras actividades relacionadas eee não específicas, pronto abrangemos em tudo, por exemplo, eu sei desde experiências físicas e científicas, dali partimos para por exemplo sumo, água, fazemos semelhanças, quantas vezes batemos as palmas para dizer uma palavra para dizer a outra (portanto numa actividade conseguem explorar várias áreas)...essa, o nosso trabalho é muito transversal, não há assim nenhum momento especial, de manhã normalmente, fazemos...(esse tipo de actividades)...sim, começamos com os nomes, semelhanças, diferenças, quantas vezes tu bates-te palmas, quem é que tem o nome mais comprido, quantas vezes é que batemos mais palmas, portanto tamos a trabalhar a matemática, tamos a trabalhar além da fonética (*consciência fonológica e da linguagem trabalham outras áreas*)...trabalhamos muito assim nesta base, aproveitamos o trabalho que até muitas vezes é espontâneo, muito menos direccionado que é abrangente.

Entrevista 12

1. “É as crianças terem a consciência de...e nós próprias também da nossa língua, de como da sonoridade, dos efeitos de como podemos trabalhar a nossa língua, pronto é basicamente isso.”

2. “É muito importante esse trabalho porque é uma preparação para o primeiro ciclo...aaa...portanto, ao trabalharmos as poesias, as histórias, as palavras soltas...aaa...é importante para eles também tomarem consciência de que o código escrito e falado é importante portanto para a vida futura dele.”

3. “É um despertar mais cedo para essa parte da língua...aaa...enquanto tamos aqui, portanto os meninos, são três anos que têm que tenho, claro que o trabalho

direccionado mais para os cinco seis anos, mas ooo ouvir, o saber ouvir e estar já é mais fácil para eles pa pró desenvolvimento deles, vá basicamente.”

4. “Sim, porque é através de dada consciência pronto dos sons, das sílabas que eles vão despertando para essa essa nova etapa, não é...o trabalhar a parte silábica, vamos agora fazer este jogo, quantas sílabas tem, através das palmas, portanto isso tudo ajuda-os a despertar para a leitura e para a escrita.”

5. “Que aspectos?... (Sim)... sei lá a parte da sonoridade, a parte da linguística, a parte fonológica também, acho que isso é importante num todo, para os desenvolver num todo não estancar, não ser estanque, é num todo.”

6. “Que actividades, através de rimas como eu já disse, através de poesias, através da música também, através do próprio corpo, do...há um leque muito grande de actividades que podem ser feitos no jardim e que ao fim ao cabo eles também acabam por se intersectar uns nos outros.”

Entrevista 13

1. "Pra mim, a consciência fonológica é isso que você refere aí, é eles saberem aaa...como é que eu hei-de dizer tenho um bocado de de dificuldade em em...como é que eu hei-de dizer em estabelecer a diferença entre consciência fonológica e eles...já aqui à dias eu fiz esta comparação, também com a sua colega, em eles dividirem as sílabas (está incluído)...que está incluído não é? (na consciência fonológica, é uma das actividades, é uma dos aspectos que têm de ser trabalhados na consciência fonológica)...a consciência fonológica é a divisão silábica, exactamente, pronto para mim é isso é a divisão silábica através de...eu trabalho isso com eles através dos sons ou através de jogos ou pronto faço essa esse trabalho com eles, para mim é isso, e é eles saberem pronto dividir o numero de sílabas, por exemplo, mã-e e etc. e por aí fora (é isso a sua definição de consciência fonológica)...de consciência fonológica para mim é mais ou menos isso.”

2. “Eu acho que é importante porque eles quando vão já com uma consciência aaaa...digamos...ao entrarem para o primeiro ciclo, por exemplo eu trabalho isso mais ao nível dos 5 anos...aaa...e eles já vão com uma consciência pronto ao passarem de ciclo, ao passarem da pré para o primeiro ciclo já vão com...pra iniciar a escrita, percebe?...porque eles aqui também já fazemos jogos de de digamos de escrita com eles, já fazemos...como é que eu hei-de dizer...nós já trabalhamos essa área aqui no jardim com eles de muitas formas... (e acha que é importante porquê?)...mas a aquisição...(sim a aquisição da consciência fonológica aqui porque é

que é importante depois para o primeiro ciclo?)...vai isso vai ajuda-los já na apreensão da leitura e da escrita.”

3. “É quase a mesma coisa, é para a apreensão da leitura e da escrita no primeiro ciclo.”

4. “Sim porque isso ajuda-os, vai ajudá-los muito na apreensão depois no primeiro ciclo, eles já vão daqui com bases, exacto, para chegarem lá e terem uma melhor aquisição nesse sentido.”

5. “As sílabas, a divisão silábica, acho que é muito importante através de jogos e de sons, de...canções de...pronto e o porquê acho que é a mesma coisa, acho que isso vai...eles ao terem essa noção é-lhes muito mais fácil a aquisição da leitura e da escrita, no fundo isso vai tudo parar ao mesmo.”

6. “Jogos, canções, divisão silábica como já lhe disse...não me tou a lembrar de mais nenhum, é isso jogos, canções.”

Entrevista 14

1. “Portanto é a...aaa...no fundo a parte sonora das palavras, penso eu que é isso, ter a capacidade de perceber e de ter consciência dos diferentes sons que compõem a palavra, as palavras, no fundo é isso.”

2. “Atribuo uma importância...muita importância porque é uma maneira das crianças mais tarde virem a ter mais facilidade na aquisição da leitura e da escrita e também porque acho que essa parte de...de...ao trabalhar essa parte ajudo as crianças a terem uma melhor dicção, uma maneira mais correcta de falarem...aaa...e também...aaa...também tem aquela parte que tem a ver com com a sonoridade, a parte sonora das palavras, também dá para eles inventarem novos termos, também se desenvolve a criatividade, ao brincar com as palavras, no fundo é isso...aaa...e essa parte porque não podemos esquecer que na faixa etária do jardim de infância a parte lúdica é muito importante e...pronto ao trabalhar essa parte de uma forma lúdica estou a motivar as crianças para mais tarde virem a ser bons alunos, a gostar de ler a gostar de livros, a...no fundo também pronto eles são os pré-leitores, faz parte da...acho que é muito importante essa...e pela minha experiência é uma das áreas que eles também gostam muito.”

3. “Então, pra já o benefício é transversal a nível de todas as áreas, porque uma criança que...aaa...começa a gostar e é estimulada a nível da linguagem e da consciência da linguagem e da consciência fonológica no fundo está tudo interligado, da da da... descobre palavras novas, descobre os diferentes fonemas, o bater das

sílabas...aaa...isso também lhe trás...aaa... desenvolvimento nas outras áreas, porque ela fica curiosa de saber outras coisas, palavras novas e de brincar com os sons e isso...aaa...ajuda-a no desenvolvimento global, acho eu, em todas as áreas, a nível da expressão oral, também, de ela se fazer compreender melhor, de compreender melhor aquilo que ouve...aaa...portanto também é...aaa...nível das histórias e da exploração das histórias, isso também lhe dá bases para ela ser mais criativa e vão inventar outras coisas, a nível da escrita também, porque portanto, a criança ao se aperceber e ao brincar com as palavras e dividir por exemplo por sons, ou bater as sílabas, ela também, pelo menos na minha experiência ela acaba por querer, por perguntar e como é que se escreve?, e uma coisa leva a outra e...acho que tem a ver com literacia, com o desenvolvimento da da da no fundo vai ajudar mais tarde a que a criança esteja estimulada para a aprendizagem da leitura e da escrita.”

4. “Sim, eu já respondi a isso, eu acho que sim. (Porquê?)...Porque é assim porque na...o alfabeto, não é, cada letra tem um som e e e portanto há letras que junto de determinadas ou formar...portanto...ao se formar as sílabas há letras diferentes com sons idênticos, não é?, há o valor, cada letra tem um valor sonoro e é importante que que isso seja bem adquirido porque...aaa...no fundo é uma base que a criança já leva para mais tarde perceber o funcionamento da da língua, da da leitura da escrita, eu penso que é isso, com é que era a pergunta?... (Parece-lhe que a consciência fonológica poderá ser um pré-requisito para a aquisição da leitura e escrita?)...eu acho que é tem de ser, que é sem dúvida um pré-requisito.”

5. “Pronto para já no jardim de infância trabalha-se tem que se trabalhar essa parte de uma forma lúdica porque se não é uma grande chatice...aaa...mas eu portanto...(que aspectos?)...que eu acho importante trabalhar, então, todos os aspectos, aaa...o valor sonoro das das letras, o batimento das sílabas, o inventar palavras que terminem com o mesmo som ou que comecem com o mesmo som, aaa...sei lá...todos esses jogos que se fazem e que eles...e depois chega a uma altura que eles percebem que, por exemplo, a nível do /a/, pode ser á ou a, não é?, eles começam a perceber, e os mais velhos principalmente que aquilo é uma letra que tem dois valores sonoros, portanto eles começam a fazer essa distinção...eee...conseguem perceber aaa através de de porque nós no jardim também temos muitas palavras escritas e há uma das situações muito concretas que é através dos nomes dos colegas aaa eles começam a conhecer as letras e a perceberem que têm valores sonoros diferentes porque o mesmo nome numas vezes, por exemplo, António não é?, começa com a e por exemplo Augusto né?, eles começam a perceber essa diferença, que é a mesma letra mas têm valores sonoros

diferentes e isso é muito importante para depois na aprendizagem da leitura e da escrita.”

6. “Para além deste tipo de brincadeiras, de bater as sílabas, de inventar palavras novas começadas pelo mesmo som ou terminadas pelo mesmo som, ou dividir as palavras, ou contar quantas sílabas através do batimento ou até a nível da parte do grafismo também...aaa...estar a palavra inteira por inteira escrita e pintar, dizer a palavra, tá o desenho não é?, com a palavra escrita por baixo e depois estão por exemplo quantas sílabas, tar as bolinhas e eles pintarem tantas bolinhas quantas, quer dizer isso agora não tou aqui a aaa...há um monte de actividades que se podem fazer a esse nível, não é?, e se conseguem fazer, inventar por exemplo que é também uma das coisas que eles gostam...aaa...dar uma palavra e inventar, cada um vai dizendo uma palavra que rime com aquela e no final ver o que é que dá, portanto, às vezes dão coisas muito engraçadas, momentos pronto...tem que haver sempre a parte lúdica, mas isso há montes de coisas que se podem fazer e até mesmo os miúdos inventam...aaa...dão sugestões, olha e se brincássemos assim, então vamos agora...a nível de animais vamos dizer e depois vamos, então vamos inventar um animal começado...depois às tantas já se inventa um nome de um animal que até nem existe aquele nome, mas isso, tudo isso é motivo e é motivador para a criança desenvolver essa consciência.”

Entrevista 15

1. “A consciência fonológica tem a ver com os sons das palavras, apreendidas pelas crianças e não só que as crianças aprendem, acho que no fundo é isso, e é utilizar a imagem e a palavra para que elas tenham mais consciência dos objectos e das palavras.”

2. “Eu acho que é muito importante na medida em que é através das imagens que as crianças vão apreendendo os sons as palavras e os sons das palavras, para depois quando chegarem ao primeiro ciclo poderem desenvolver com mais facilidade, através da oralidade que tiveram no jardim, a parte da escrita, da divisão silábica.”

3. “Tem a ver com o que eu já disse anteriormente, para uma aquisição mais facilitada nana no primeiro ciclo.”

4. “Sim, pronto através do som a criança depois acaba mesmo aquele jogo de palavras, as divisões silábicas, embora não se façam muito a nível de jardim, mas pronto já se brinca às vezes o gato...ga-to...por exemplo através da palavra

gato...aaa...arranjar outras palavras que tenham os sons parecidos (sim)...acho que é por aí.”

5. “Os aspectos, bem eu acho que ela é toda importante, mas sei lá às vezes o som, os ritmos, as imagens, associando sempre os sons e a palavra às imagens, acho que tem a ver depois com uma aprendizagem mais facilitada nas crianças depois no primeiro ciclo, não pronto, ia a dizer pronto por causa da escrita.”

6. “Eu acho que praticamente todas as actividades podem-se virar um bocadinho para a parte da consciência fonológica, através de jogos de imagens, por exemplo nos dominós, por exemplo até num exercício de matemática, através dos triângulos, com as cores e as formas, embora já sejam palavras um bocadinho com mais sílabas, pronto, mas dá na mesma, eu acho que todo o tipo de actividade se pode fazer, pronto, pronto tá bem que pronto através da histórias em imagens também se trabalha muito mas acho que qualquer outro tipo de actividade dá para utilizar.”